

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
CURSO HISTÓRIA

Rafaella Sartori Da Silveira

**A construção da privacidade dentro do *quarto de despejo* através da narrativa de
Carolina Maria De Jesus**

Florianópolis

2020

Rafaella Sartori da Silveira

**A construção da privacidade dentro do *Quarto de Despejo* através da narrativa de
Carolina Maria de Jesus**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento de História do Centro de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Santa Catarina, para a obtenção do grau de Bacharelado em História, sob orientação do Prof. Dr. Fábio Augusto Morales Soares.

Florianópolis

2020

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,
através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Universitária da UFSC.

Silveira, Rafaella Sartori da

A construção da privacidade dentro do Quarto de Despejo através da narrativa de Carolina Maria de Jesus / Rafaella Sartori da Silveira ; orientador, Fábio Augusto Morales Soares, 2020.

51 p.

Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Graduação em História, Florianópolis, 2020.

Inclui referências.

1. História. 2. Literatura. 3. Moradia. 4. Cotidiano. 5. Privacidade. I. Soares, Fábio Augusto Morales. II. Universidade Federal de Santa Catarina. Graduação em História. III. Título.



ATA DE DEFESA DE TCC

Aos 17 dias do mês de dezembro do ano de dois mil e vinte, às 10 horas, por meio do ambiente virtual *Google Meet*, reuniu-se a Banca Examinadora composta pelos seguintes membros, Prof. **Fábio Augusto Morales Soares** (Orientador e Presidente); Prof.^a **Linaia de Vargas Palacio** (Titular); Prof. **Rodrigo Bragio Bonaldo** (Suplente), designados pela Portaria Tcc nº 59/HST/CFH/2020, a fim de arguirm o Trabalho de Conclusão de Curso da acadêmica **Raffaela Sartori da Silveira** intitulado: *"A construção da privacidade dentro do quarto de despejo através da narrativa de Carolina Maria De Jesus"*. Aberta a Sessão pelo Senhor Presidente, a acadêmica expôs o seu trabalho. Terminada a exposição dentro do tempo regulamentar, a mesma foi arguido pelos membros da Banca Examinadora e, em seguida, prestou os esclarecimentos necessários. Após, foram atribuídas, pelos membros da banca presentes as seguintes notas: Prof. **Fábio Augusto Morales Soares**, nota **9 (nove)**, Prof.^a **Linaia de Vargas Palacio**, nota **9 (nove)**, sendo a acadêmica aprovada com a nota final **9 (nove)**. A acadêmica deverá entregar na Coordenadoria do Curso de Graduação em História em versão digital, o Trabalho de Conclusão de Curso em sua forma definitiva, até o dia 24 de dezembro de 2020. Nada mais havendo a tratar, a presente ata será assinada pelos membros da Banca Examinadora e pela candidata.

Florianópolis, 17 de dezembro de 2020.

Prof. (Orientador):.....
 Documento assinado digitalmente
Fábio Augusto Morales Soares
Data: 17/12/2020 14:39:17-0300
CPF: 311.305.688-81

Prof.^a (Titular):.....
 Documento assinado digitalmente
Linaia de Vargas Palacio
Data: 17/12/2020 15:49:22-0300
CPF: 013.588.540-09

Prof. (Suplente):.....

(Candidata):.....
 Documento assinado digitalmente
Raffaela Sartori da Silveira
Data: 17/12/2020 15:46:13-0300
CPF: 038.619.410-02



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA
Campus Universitário Trindade
CEP 88.040-900 Florianópolis Santa Catarina
FONE (048) 3721-9249 - FAX: (048) 3721-9359

Atesto que a acadêmica Rafaella Sartori da Silveira, matrícula n.º14101969, entregou a versão final de seu TCC cujo título é *A construção da privacidade dentro do quarto de despejo através da narrativa de Carolina Maria De Jesus*, com as devidas correções sugeridas pela banca de defesa.

Florianópolis, 24 de dezembro de 2020.



Documento assinado digitalmente
Fabio Augusto Moraes Soares
Data: 24/12/2020 16:43:31-0300
CPF: 311.305.688-81

Orientador(a)

Este trabalho é dedicado as mulheres que lutam por moradia e justiça.

AGRADECIMENTOS

A finalização desse trabalho significa muito mais do que o diploma de graduação para mim, pois foi através dessa experiência que muitas consciências surgiram e entendi a importância de ser a primeira de minha família a ir para uma universidade federal. Na faculdade aprendi muito sobre companheirismo, amizade, igualdade, entendi o que significa a estrutura familiar, o suporte financeiro, e também a vida de uma estudante e trabalhadora.

Encerro esse ciclo agradecendo e compartilhando essa conquista com minha mãe por ter sido meu exemplo, minha estrutura, meu impulso de vida toda e me fazer enxergar qualidades e capacidades que eu mesma duvidava ter, com ela aprendi sobre cuidado, bondade, diversão e juntas batalhamos por uma vida melhor cotidianamente.

Agradeço infinitamente aos meus amigos e amigas que para além dos momentos de estudo e produção dividiram comigo moradia, mesas de jantar, taças de vinho, receitas veganas, livros descobertos, e poesias guardadas em livros em antigos. Um agradecimento exclusivo as amigas e amores Alina, Lara, Cleo, Duda e Dani que me ajudaram a materializar esse trabalho de conclusão e acreditar da importância dele. Também agradeço imensamente a paciência e precisão das orientações do Fábio que me guiaram no emaranhado das ideias.

HASTA!

Não é por me gavar mas eu não tenho esplendor.

Sou referente pra ferrugem mais do que referente pra fulgor.

Trabalho arduamente para fazer o que é desnecessário.

O que presta não tem confirmação, o que não presta, tem.

Não serei mais um pobre diabo que sofre de nobrezas.

Só as coisas rasteiras me celestam.

Eu tenho cacoete pra vadio.

As violetas me imensam.

(Manoel de Barros, 1996)

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo analisar os rituais diários, e a construção de privacidade retirados do fluxo de escrita de Carolina Maria de Jesus em seu diário chamado O quarto de Despejo publicado em 1960. A obra analisada é o diário da autora que foi escrito entre os anos de 1955 - 1960 a respeito da sua trajetória como catadora de papel, mulher, escritora e da sua vivência na Favela do Canindé na cidade de São Paulo. Os trechos analisados da escritora apresentam a vivência de uma realidade de pobreza e sofrimento durante o período de modernização da cidade a partir do olhar de uma mulher, negra, pobre que passou sua vida lutando por permanência e moradia. No diário é possível encontrar registros detalhados do dia a dia desde o momento que acordava até o momento que ia dormir passando pelo café da manhã, pelos momentos de leitura e escrita, e também da sua relação com seu barraco, com a vizinhança e com a favela. Nesse caso vamos entender quais rituais eram importantes para a autora na sua construção de pertencimento na cidade e como o espaço e tempo atravessam a escritora em sua trajetória.

Palavras-chave: Literatura. Moradia. Cotidiano. Privacidade.

ABSTRACT

This work aims to analyze the daily rituals, and the construction of privacy taken from Carolina Maria de Jesus' daily writing flow in her diary called *O Quarto de Despejo* published in 1960. The analyzed work is the author's diary that was written between the years 1955- 1960 about her career as a paper picker, woman, writer and her experience in the Favela of Canindé in the city of São Paulo. The analyzed excerpts of the writer present and experience a reality of poverty and suffering during the period of modernization of the city from the perspective of a black, poor woman who spent her life fighting for permanence and habitation. In the diary it is possible to find detailed daily records from the moment you woke up to the moment you went to sleep passing through breakfast, reading and writing, and also her relationship with your shack, the neighborhood and the favela . In this case, we will understand which rituals were important to the author and how it related to the city, the favela, and its shack.

Keywords: literature. Habitation. Daily. Privacy.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	10
2 A LITERATURA E TRAJETÓRIA DE CAROLINA MARIA DE JESUS.....	16
3 HISTÓRIA DA VIDA PRIVADA NO BRASIL.....	22
4 A FORMAÇÃO DAS FAVELAS NO ESTADO DE SÃO PAULO	28
4.1 CANINDÉ	34
5 A PRIVACIDADE NO QUARTO DE DESPEJO.....	40
6 CONCLUSÃO.....	48
REFERENCIAS	50

1 INTRODUÇÃO

As inúmeras possibilidades de pesquisa oportunizadas pelo curso de História sempre deixaram intrigada. As diferentes histórias, narrativas, expressões, palavras e silêncios me fizeram perceber as formas plurais de obtermos e elaborarmos o conhecimento histórico, bem como as distintas possibilidades de interpretarmos o mundo ao nosso redor. Refletindo sobre minhas afinidades, e sobre como a leitura se tornou um acalanto quando precisava de um respiro, percebi como poderia ser interessante unir a literatura, a narrativa construída por uma pessoa de vivência marcante em uma realidade que tem muito a ser debatida no país, ou seja, a realidade nas favelas em São Paulo, e a construção da subjetividade de cada pessoa através de suas vivências e condições estabelecidas. Nesse sentido, compreendi ao longo do curso os diálogos que a História pode estabelecer com outras disciplinas, a exemplo das artes, literatura, cinema etc. Metodologicamente, no fazer historiográfico, estes diálogos foram estabelecidos pela valorização da noção de fonte histórica que foi intensificada com a Escola dos Annales¹. Também, entendo a relevância de escrever histórias que, por muito tempo, foram esquecidas e não tiveram foco na escrita oficial da História. Assim, considero a literatura um importante fonte que, também em diálogo com a História, pode possibilitar a compreensão de histórias de distintos sujeitos, possibilitando que suas vozes, antes não registradas pelas narrativas oficiais da História, sejam ouvidas (CHARTIER, 2001).

Dessa maneira, através da obra literária *O quarto de despejo: Diário de uma favelada* busco explorar questões relacionadas à construção da privacidade dentro da favela do Canindé, localizada em São Paulo, a partir das vivências da autora, Maria Carolina de Jesus, na década de 1950. Ao trabalhar com o livro da escritora, proponho traçar uma trajetória sobre a história da vida privada no Brasil. *Quarto de despejo* é uma obra do gênero autobiográfico, na qual Maria Carolina de Jesus relata suas trajetórias pela cidade de São Paulo, sua luta diária contra a fome, sensação caracterizada pela autora como sendo da cor amarela. A obra foi escrita em uma linguagem coloquial e contém “erros” de grafia. É possível identificar a mudança da escrita com o passar dos dias e anos, que cria um tipo de intimidade com a rotina exposta pela autora. Percebemos, ao longo da narrativa, as dificuldades em suprir as necessidades básicas de seus filhos, suas tristezas e suas alegrias. O livro foi publicado apenas em 1960 e marginalizado por não fazer parte da estética da época, por ter sido escrito por uma mulher que beirava a miséria,

¹ A escola dos annales ampliou sua forma de enxergar a pesquisar história e passou a deter sua atenção às práticas humanas com teorias e estudos vindos de outras áreas como ciências sociais, psicologia, geografia, etc.

e por não ser padronizado. Posteriormente, já no século XXI, a obra ficou conhecida mundialmente, e no ano de 2019 será usada como leitura obrigatória de uma série de vestibulares.

Além disso, também busco refletir sobre os elementos que compõem a privacidade das pessoas. Enquanto indivíduos inseridos em uma sociedade, temos “rituais diários” que nos remetem a um espaço de conforto que criamos. Nesses rituais, podemos incluir, por exemplo, escovar os dentes, tomar café, dormir, ler... A escolha do tema referente à privacidade se iniciou numa primeira inquietação sobre a vida dos moradores de rua, sobre seus rituais diários e como é construída sua dinâmica em meio a cidade, em cima do concreto. A construção de paredes – ou outras formas de terem seus próprios espaços – a partir do uso de descartes da sociedade de consumo (no caso, o uso de papelões, isopores e coisas que já haviam sido consideradas inutilizáveis) demonstra a ressignificação de materiais, como cita Frangella *et al.* (2004) em sua tese de doutorado. Esse tema, portanto, sempre me despertou grande curiosidade por me deixar intrigada com as dificuldades, mas também com as ressignificações feitas por quem ocupa as ruas dessa forma. Desde estes devaneios quanto as ressignificações pela cidade, e, juntamente com toda minha experiência de sempre morar de aluguel com minha mãe, e, por conta disso, realizar várias mudanças de casa que gera sentimento de instabilidade e insegurança, comecei a sentir a necessidade de pesquisar sobre moradia, espaço, direito, distribuição, cidade e bem-estar. Outro aspecto que considero importante destacar é o modo como nossas relações no espaço privado refletem uma “ordem” imposta por figuras de poder, e como essa privacidade se estende até o “público” dessa forma, como descrito por Paulo Cesar Garcez Marins (2006) no terceiro volume da obra *História da Vida Privada no Brasil*, espaços que deveriam ser de todos como as praças públicas e de acesso a todos e todas acabam sendo absorvidas pelas pessoas que moram ao seu redor e com isso gera a elitização do espaço.

Pensar na privacidade ao analisar *O Quarto de Despejo* é refletir sobre as condições de privacidade às quais a autora do livro estava submetida, percebendo a construção de sua privacidade dentro de um “barraco” -- assim como ela mesmo denomina sua moradia --, as condições da favela em geral, a relação da autora com a cozinha, com a vizinhança, os olhares de fora e até mesmo o horário em que há o costume de desfrutar certo momento de conforto e lazer que é concedido pelas casas em geral.

Carolina Maria de Jesus foi uma mulher negra que chegou em São Paulo com a intenção de melhorar de vida. A autora era catadora de papel, mãe de três filhos e moradora de uma das primeiras favelas da cidade de São Paulo, o Canindé. Sua especificidade como sujeito,

o local de fala que ocupa na sociedade, e toda sua história relatada em pedaços de papel que encontrava na rua são muito significativos para a história do Brasil. Pensar em literatura e na história de Maria Carolina nos leva a questionar o cânone literário e porque a escritora não participou do mesmo. O cânone literário é uma seleção valorizada de livros que acabam por excluir muitos outros. Existem opiniões divergentes sobre o cânone literário. Para Ítalo Calvino (2007), por exemplo, as obras canonizadas são aquelas que preenchem de significado o leitor. Nesse sentido, a literatura marginal de Carolina Maria se torna ainda mais relevante, pois, ao se posicionar contra a instituição dos cânones literários, é possível perceber que escritas marginais são, também, escritas políticas.

A literatura da autora tem uma carga pessoal, que nos faz refletir sobre as estruturas do país e sobre as diferentes realidades possíveis. Muitos se identificam e muitos não, porém, em sua essência traz certo incômodo e faz com que os leitores se coloquem em posições e espaços diferentes. A literatura por si não é milagrosa e traz respostas, no entanto, faz com que vozes como a de Carolina Maria sejam ouvidas. Vozes marginalizadas. Vozes negras. Vozes femininas. Vozes e memórias trazidas à tona.

A autora traz apontamentos essenciais para questionarmos a cidade de São Paulo e seu funcionamento: “[...] eu classifico São Paulo assim: o Palácio, é a sala de visita. A Prefeitura é a sala de jantar e a cidade é o jardim. E a favela é o quintal onde jogam os lixos” (JESUS, 1960, p. 28). Esse trecho nos mostra uma crítica à hierarquização da cidade e os funcionamentos dela com uma analogia referente a moradia que se faz importante para a autora. Na escrita de seu diário, a autora relata muitas outras vezes os problemas enfrentados por suas andanças catando papel e as dificuldades encontradas por quem é pobre e favelado na cidade de São Paulo. Assim, ao lermos a obra de Maria Carolina, é possível refletir e entender historicamente a realidade de quem vivia, em primeira pessoa, as desigualdades sociais promovidas pela modernização do espaço urbano na primeira metade do século XX.

O objetivo e desafio que me proponho, neste trabalho, é o de explorar os aspectos que envolvem a privacidade no *Quarto de Despejo*, e perceber como esta era vivenciada pela autora em seu cotidiano. Nesse sentido, referente à discussão teórica, usarei como base para a contextualização do espaço público e privado no Brasil, para o surgimento das cidades e a divisão do espaço urbano, os volumes I, III e IV da obra *História da Vida privada no Brasil*, organizado por Fernando Novais. Os volumes dessa obra são compostos por capítulos de autoria de diferentes autores, trazendo perspectivas da História Cultural e Social para a reflexão

sobre privacidade. Pensando nos rituais diários e na busca por intimidade nos espaços, usarei a tese de doutorado de Simone Miziara Frangella (2004), intitulada *Corpos Urbanos Errantes*.

Para explorar as questões sobre a cidade e o espaço urbano trabalharei com as obras de autores como David Harvey (2012) e Ermínia Maricato (2002). No que se refere às relações entre História e Literatura, as leituras e entendimentos são provenientes do historiador Sidney Chalhoub (1998) que escreve sobre o uso de obras literárias como fonte histórica, e também Lara Gabriella Alves dos Santos e Valdeci Rezende Borges (2004) que trabalha com algumas metodologias onde se usa a literatura como fonte histórica. Além disso, buscarei refletir a respeito da escrita de si a partir de uma série de monografias e dissertações a respeito de diários como fonte histórica.

Para LeGoff (1990) e Borges (2010), deve ser pensada a importância sobre o escritor e o receptor do texto, sendo que é só nesse processo que a obra se faz completa e a correlação de forças no momento que a obra é escrita e também publicada sendo necessário entender as relações de poder que atravessam a produção da obra. Para analisarmos a fonte histórica é necessário destacar a importância de levarmos em conta a tríade: escrita, texto e leitura. Assim, da perspectiva historiográfica, é necessário analisar quem fala, de onde fala e qual linguagem utiliza. Sendo que neste caso teremos uma pincelada sobre a recepção do texto de Carolina e os resultados da publicação de seu livro em sua vida material, como por exemplo, a compra de sua casa de alvenaria após o sucesso da publicação, mas o foco principal será a narrativa de seu diário e não a repercussão dele.

Assim, contextualizar o texto com o qual se trabalha é indispensável para elucidar o lugar em que foi produzido, seu estilo literário, sua linguagem, a história do autor, a sociedade que envolve e penetra o escritor e seu texto. A época, a sociedade, o ambiente social e cultural, as instituições, os campos sociais, as redes que estabelece com outros textos, as regras de uma determinada prática discursiva ou literária, as características do gênero de escrita que se inscreve no texto, são questões que permeiam o texto escrito e constroem o autor de um texto, deixando nele suas marcas (BARROS, 2004).

Para a história cultural, a literatura pode ser tomada como uma representação social e histórica de uma época. Pode representar hábitos, sentimentos, criações humanas, práticas, inquietações, sonhos, esperanças, tristezas que pairam sobre um tempo espaço na sociedade, um tempo histórico representado também por uma fantasia. Muitas vezes a literatura tem a capacidade de abranger mais aspectos do que apenas uma fonte histórica acadêmica visto que ela é produto social cultural de uma época onde são depositados muitos sentimentos,

frustrações, enfim, um olhar fantasioso mas que muitas vezes se torna mais real. Porém, é importante lembrar que até mesmo as fontes históricas oficiais são fontes manipuladas, pois foram escritas por um certo alguém em um determinado momento, mas a literatura tem a capacidade de lidar com uma amplitude maior de sentimentos e posicionamentos que nem sempre corresponderão a uma métrica (LEGOFF, 1990).

A análise do discurso da obra literária se faz necessária para concretizarmos o estudo histórico literário, pois em cada configuração social o discurso ocupa um espaço e uma hierarquia com seus objetivos próprios, assim, cabe ao pesquisador compreender as barreiras e fronteiras e as realidades que a obra atravessa. Segundo Borges (2004), é necessário analisar também a estética da escrita. Nesse sentido, podemos pensar no que diz Rancière (2009) sobre o caráter estético de algumas obras também conter seu caráter político. Enquanto muitas obras entram para o cânone literário, muitas outras são consideradas inferiores e são excluídas, e a estética, determinada por relações de poder vigentes, é um dos definidores desse processo de inclusão e exclusão. Assim é possível que façamos uma análise do porquê algumas obras são excluídas do cânone, como é o caso do *Quarto de Despejo*.

Sidney Chalhoub fala sobre literatura e história com a jornalista Monica Teixeira, (entrevista)² disponibilizada no youtube e promovida pela UNIVESP. Pensar a Literatura como documento? É uma fonte legítima para a história? Para entender a época, como por exemplo, o século XIX, a literatura começou a ser publicada na imprensa, através dos folhetins semanais isso era uma forma de diálogo com a sociedade trazendo romances e sentimentos envolvidos que podem caracterizar a população e as vivências da época. Além dessas informações, é importante analisar como a literatura foi publicada, a situação política da época, as condições de publicação é uma forma de nos aprofundarmos na obra literária como uma importante fonte. A literatura emerge na sociedade que ela pertence, e, portanto, ela está inserida na história estrutural, ela não pode ser separada pois ela surge em seu tempo. Não existe literatura fora da história. A literatura pode ser uma maneira de interpretar a história. A literatura não é referencial, não precisa citar ou justificar fatos o mundo, pode ser fantasiosa, mas, a produção literária, assim como qualquer produção artística, é situada socialmente, e, por isso, historicamente (WOLFF, 1981).

² TEIXEIRA, Monica. História: História e Literatura. Entrevistado: Sidney Chalhoub. UNIVESP, São Paulo, 2015. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=e5jnTFQg6as&feature=emb_logo&ab_channel=UNIVESP. Acesso em: 24 nov. 2020.

A imaginação é algo muito importante para a literatura e história. O formato de uma obra literária muitas vezes tem muito mais atrativos para os leitores e mesmo assim é a representação de uma sociedade pois o escritor ou escritora não está separado da sociedade em que vive. Como apontou Janet Wolff (1981), a produção da arte, por ser social, é sempre atravessada por razões biográficas, psicológicas, enfim, pessoais.

Dessa forma, para fazer a análise dos trechos do livro *O quarto de despejo*, iniciarei o trabalho com um resgate sobre a separação do espaço público e do privado, assim como, a construção da intimidade dentro das casas. Após isso, será feita uma análise da época, e local onde o livro foi escrito. Em seguida analisarei trechos de passagens onde podemos identificar a construção da intimidade da autora dentro da sua vivência na favela do Canindé nos anos de 1955 até 1960.

2 A LITERATURA E TRAJETÓRIA DE CAROLINA MARIA DE JESUS

Carolina Maria de Jesus foi mulher, negra, mãe, escritora, doméstica e catadora de papel. Teve seu diário publicado pelo jornalista Aurélio Dantas em 1960 com o título *O Quarto de Despejo*. Após esta publicação e com o impulso da mídia noticiando o sucesso que o livro estava tomando mundialmente teve outras obras e poemas publicados, esse reconhecimento da obra em todo o mundo se deu pelos relatos de dificuldade da autora onde era apresentado para os leitores uma realidade que até então não havia sido impressa e vendida no livro. Seu diário foi uma grande denúncia das condições de vida em São Paulo durante a modernização da cidade. Para entender um pouco mais sobre a passagem da autora por São Paulo é importante conhecermos o processo de desterritorialização que a mesma passou ao sair de Minas Gerais e chegar em São Paulo.

Carolina Maria de Jesus nasceu em 1914 e morreu em 1977 aos 62 anos de idade. Passou sua infância em Sacramento Minas Gerais onde trabalhava na roça com sua mãe e estudou só até o segundo ano primário. Aos 23 anos mudou-se para São Paulo para trabalhar como empregada doméstica (SILVA, 2006, p. 9). Posterior a profissão de doméstica começou a catar papel pelas ruas de São Paulo criando seus próprios circuitos e conhecendo as ruas e trajetos, caminhava pela cidade, recolhia lixo para vender e assim sustentar seus filhos. Os escritos iniciados em 1955 até 1960 foram compilados e publicados como a obra *O Quarto de Despejo*, nesse caso, os rejeitos para alguns se tornaram materiais valiosos na mão da autora que pode criar a partir desses achados.

Dedicou sua vida a escrita e compilou o total de 140 cadernos e mais de 4500 páginas (GONÇALVES, 2014). Na sua escrita e nos seus registros a escritora encontrava suporte emocional e material para se constituir como mulher, preta e pobre. Seus diários são uma tomada de consciência de si e dos outros no mundo. O papel, os cadernos e a caneta são na sua vida um devir é onde ela encontra suporte para escrever e se situar no mundo, e também encontra a fonte de dinheiro para alimentar seus filhos. Sua literatura que nasce do lixo é a reciclagem que a catadora precisa para continuar vivendo.

Quando Carolina foi despejada e se mudou para as margens do Tiete na favela do Canindé sua escrita teve uma alteração de percepção, naquele momento a escritora estava vivenciando a vida no epicentro da sociedade brasileira dos anos 50. O seu diário é um grande registro das mudanças urbanas que estavam acontecendo no Brasil na época (GONÇALVES, 2014).

Escrever sobre essa mulher é um desafio onde é preciso muita atenção para não abafar a voz da autora, e sim, ler com atenção e através de seus diários e poemas. Em um de seus diários a autora diz que suas letras nunca serão apagadas, e de fato elas ainda permanecem vivas e muito atuais na realidade do Brasil. Publicar um livro tão íntimo, e com tantas denúncias foi um ato político, uma ameaça ao Estado que fez com que Carolina Maria tivesse que batalhar para ser reconhecida como escritora, mulher, negra e pobre e ter suas obras publicadas. Foram muitas tentativas e muitas respostas negativas até que seus livros fossem publicados pois não é interesse dos ricos os problemas dos pobres, por isso a literatura dessa autora é tão potente pois transmite uma vida diferente das histórias até então narradas, ela traz sua própria vivência e conta da sua sobrevivência em uma cidade desigual e isso é muito forte (CHALHOUB; PEREIRA, 1998).

A escrita de Carolina Maria no quarto de despejo por se tratar de um diário pode ser considerada uma obra autobiográfica tem a função de falar de sua vida pessoal, mas também das pessoas que a cercavam, do meio em que estava inserida e da situação econômica da época. Inclusive, pensar na autobiografia como uma forma de literatura pode contribuir para as vivências das mulheres por serem essas que no decorrer da história escreveram muitos diários dentro do espaço doméstico em que foram submetidas.

Na sua escrita autobiográfica é criada a representação de um mundo social criando sua narrativa a partir da noção de corporeidade, e da dor que atravessa sua vivência. Para o antropólogo Vogt (1983), Carolina Maria realiza através da sua escrita o “realismo etnográfico” que seria a recriação do seu espaço social através da sua autobiografia. Segundo Marco Antonio Gonçalves (2014) podemos encontrar na escrita de Carolina Maria o biográfico e o social, o individual e o cultural, o objetivo e o subjetivo. A estrutura de escrita de Carolina Maria não passa pelo tempo linear com o registro dos dias e anos, mas é um tempo onde a escritora cria a possibilidade de transformação de sua condição social e assim, desafia as estruturas da sociedade brasileira em 1960 (FERRARO, 2009).

Segundo o censo de 1950 da UNESCO, no ano da realização da pesquisa e 8 anos depois pode-se mudar a relação entre alfabetização e gênero no Brasil. O país ainda muito atrasado em comparação com outros países, no entanto, as mulheres começaram a atenuar a diferença de alfabetização em comparação com os homens. A relação da diminuição da alfabetização masculina tem a ver com os trabalhos extradomésticos e as tarefas manuais que não deixam tempo para que os meninos trabalhassem e estudassem. De qualquer maneira a alfabetização ainda era muito deficitária para ambos os gêneros. .

Os “erros” ortográficos da escritora representam a escrita de sua dor, uma escrita que afeta a quem lê, que dialoga de muitas formas com o leitor. Outra forma de ver os erros ortográficos é pensar sobre a desterritorialização linguística e social da autora, uma escrita constituída por uma narrativa de “resíduos” um estilo poético e literário de uma experiência de vida (FERNANDEZ, 2008, p. 144).

A chegada de Audálio Dantas na favela do Canindé tinha como propósito escrever uma reportagem sobre um playground que havia sido implantado pela prefeitura na favela, mas nessa visita o jornalista conheceu Carolina Maria e a mesma apresentou seus diários, escritos em papéis encontrados na rua, com seus relatos sobre seu cotidiano como moradora da favela e catadora de papel. Os fragmentos de seus diários passaram, então, a ser publicados em jornais até a publicação integral em 1960.

A repercussão da literatura de Carolina Maria no Brasil nos leva a uma série de questionamentos sobre o local de fala dos subalternos, por exemplo, as dificuldades encontradas para a publicação do livro e rejeição da leitura por parte dos homens, brancos, e letrados do país, que ilustram as dificuldades que uma mulher, escritora, pobre e negra sentia no país. Entre todos gêneros que tentam encaixar ela como testemunho, autobiografia o importante é que sua literatura tira o leitor da zona de conforto. Outra questão importante é a representatividade que a escritora gera. Seu livro e sua trajetória contribuem muito para as lutas de raciais onde mais artistas negros e negras conseguem se fortalecer através de inspirações em uma mulher corajosa.

O momento de maior tranquilidade de Carolina Maria foi quando a mesma largou a vida caótica na capital onde havia passado muita dificuldade e vivenciado as precariedades da favela do Canindé, e voltou a residir no campo onde tinha água fresca e comida, e onde também costurava suas próprias roupas (ALMEIDA, 2015). O sítio que Carolina comprou e foi morar ficava nos arredores de São Paulo onde passa a viver como na sua infância (GONÇALVES, 2014).

Carolina sempre usou a literatura como um protesto, mas também como um escape para manter a esperança de um mundo melhor. Ela acreditava na transformação da realidade através das palavras. Sentia a importância da escrita, seu poder de transmutar as situações que viverá em sua vida, e também as dificuldades que enfrentava por morar na favela do Canindé, e conviver com a miséria e a fome. O elemento biográfico que sua escrita carrega é crucial para compreendermos como se constrói o discurso da mesma.

Segundo Melthy (1998), historiador e crítico da obra Carolina Maria de Jesus, a escrita da autora é especial não apenas pelo conteúdo, mas pela forma como ela expôs suas vivências

e pensamentos. Importante analisar a perseverança da escritora ao colocar palavras e sentimentos em seus diários visto que vivia em condições miseráveis, confrontando a fome e a precariedade na moradia.

A escrita dos diários tinha caráter emancipatório e não deixavam dúvidas sobre a importância da literatura para a autora. A trajetória de Carolina passou por momentos contraditórios após a publicação de seu diário: foi conhecida como escritora de sucesso, e logo após foi calada por um silêncio e esquecimento com suas obras seguintes, pois houve o interesse inicial em conhecer a vida de uma brasileira na favela, o que foi uma novidade, e as obras seguintes não repercutiram da mesma forma. (SILVA, 2012). Segundo Gayatrik Spivak (2014) a voz dos subalternos e a voz de uma mulher negra não constam na lista de prioridades globais.

O Quarto de Despejo pode ser considerado uma “escrita de si” (TOLEDO, 2010). A obra não foi incluída em sua época no cânone literário do país, mas mesmo assim as obras da autora alcançaram uma enorme quantidade de pessoas e gerou uma importante discussão para o rumo da literatura, pois quebrou paradigmas e trouxe controvérsias para o debate. As publicações de mulheres escritoras demoraram muito tempo para ter seu espaço garantido e só se tornaram visíveis graças a própria luta das mulheres. Segundo Toledo (2010), Carolina Maria de Jesus se enquadra onda de crítica literária feminista denominadas *Female* por volta de 1960 nesse período as mulheres começaram a praticar mais a escrita de si e assuntos como violência doméstica, igualdade de gênero, direito ao voto passaram a ser pauta do movimento.

. Na revista *Serrote* publicada virtualmente durante a quarentena Felipe Charbel escreveu uma coluna intitulada “dia após dia após dia após dia” que acho válido introduzirmos para refletir sobre a escrita de si e dos diários. Segundo Felipe, os diários nascem da urgência de prestar testemunho, algumas vezes o impulso de iniciar um diário vem entre um abalo sísmico e uma comoção coletiva (CHARBEL, 2020).

“No dia 19 de outubro de 1974, Ángel Rama anotou no seu caderno: “O diário não pode nascer se não for de uma certa experiência da solidão. Ele envolve divisão, um tempo próprio onde a autoconsciência pode se manifestar. É uma retirada” (CHARBEL, 2020).

Na publicação do diário de Carolina Maria de Jesus houveram cortes na edição por serem repetitivos demais, essa ação pode ser vista como um silenciamento da sua vivência na favela e do que a mesma escolheu escrever, a mesma compartilha nas escritas as dificuldades

em ser publicada e as diversas recusas que recebia das editoras. Esse silenciamento e os cortes que a autora teve em seus registros foram o resultado de uma obra de Audálio Dantas de fazer com que Carolina fosse a representante de uma miséria coletiva vivida no Brasil, dessa forma, suprimir seus pensamentos também colocam a autora numa posição de submissão onde ela não poderia tomar suas próprias decisões. Audálio Dantas alegava que a escrita da autora era exaustiva. (DANTAS, 1993).

16 de janeiro de 1959 [...] “Fui no Correio retirar os cadernos que retornaram dos Estados Unidos. [...] Cheguei na favela. Triste como se tivessem mutilado os meus membros. O *The Reader Digest* devolve os originais. A *pior bofetada* para quem escreve é a devolução de sua obra.” (JESUS, 1960, p. 135).

Outros estudiosos de Carolina Maria de Jesus entendem que nem uma editoração conseguiria alterar os versos simples e os clichês que o livro carrega. A recepção da obra no Brasil teve diversas reações depois que foi publicado, dentro da favela a autora foi muito julgada e desprestigiada por saber ler e escrever, ou seja, por ocupar um novo local na sociedade como escritora mesmo que continuasse pobre. Assim, há uma dualidade de realidades na qual Carolina de Jesus se sentiu desamparada tanto dentro da favela do Canindé como também no mundo da literatura por não ter a mesma classe social e nem o mesmo gênero que os escritores. A escrita de Carolina Maria também teve cunho de denúncia política onde o Estado Novo era colocado a prova e desbancado com suas promessas de modernização e melhoramento da cidade, a obra *Quarto de Despejo* foi um grande desabafo das vivências de uma pessoa renegada pelo Estado.

Sobre as vivências que Carolina teve no início de sua carreira e conhecimento do mundo intelectual da elite de São Paulo, ela escreveu:

Dia 19 eu fui na festa da escritora Clarice Lespector que ganhou o premio de melhor escritora do ano com seu Romance “Maça no escuro”. A recepção foi na residência de Dona Carmen Dolores Barbosa. Tive a impressão de que a Dona Carmen não apreciou a minha presença. Eu fiquei sem ação. Sentei numa poltrona e fiquei. As madames da alta sociedade iam chegando. E eu cumprimentavam (...) graças a Deus não fui fotografada. Já estou saindo dos noticiários. Não compareci na sala onde Clarice estava. Não a vi. Não lhe cumprimentei. Serviram refrescos e comestíveis as 23 horas. Retornei a casa pensando no dinheiro que gastei pintando as unhas e pagando conduções. Dinheiro que poderia guardar para comprar o pão e o feijão para os meus filhos (JESUS, 1996, p. 201).

As diferentes definições de literatura são responsáveis por decidir se certas manifestações humanas podem ser incluídas ou não no rol de produtos culturais prestigiados, na medida em que os critérios empregados para avaliá-las são capazes de conceder-lhes o valor social de que virão a desfrutar. Tal como afirmado por Regina Dalcatagne (2007, p. 21) quem são os participantes desse rol de obras literárias prestigiadas são majoritariamente homens, brancos, heterossexuais e membros das classes mais altas da sociedade, e por conta de tais privilégios tiveram mais oportunidades de ingressar no cânone, em contrapartida existem as obras literárias de homens e mulheres negras que sofrem os esquecimentos por parte dos responsáveis pela definição do cânone.

3 HISTÓRIA DA VIDA PRIVADA NO BRASIL

No prefácio ao livro *A casa e a rua* (DaMatta, 1991), intitulado “Conversa para receber leitor”, Roberto da Matta descreve um ritual doméstico típico da época : a recepção de convidados com guaraná geladinho e bolacha champagne, que amortecia a chegada da rua e familiarizava tanto o anfitrião quanto a visita. Segundo o autor, os rituais, inclusive de recepção, que temos dentro dos espaços fechados de nossas casas, são culturalmente construídos. Nesta obra o autor pondera a diferença entre rua e casa abordando como esses dois espaços se diferenciam, mas também se complementam, onde os sentimentos, os rituais, músicas, e inspirações se diferenciam dependendo do “espaço”. O autor explica como a casa em si pode surgir como algo privilegiado e que os espaços não são definidos por fitas métricas e sentidos estéticos.

Sobre a separação das casas e da rua, ou do espaço privado em relação ao espaço público, Roberto Da Matta discute parâmetros que facilitam o entendimento do espaço privado e as dimensões do mesmo que também diz muito a respeito da convivência com o que nos rodeia, afinal, as sociedades são coisas vivas (DA MATTA, 1991, p. 17).

[...]meu quarto (por oposição aos outros quartos) é a “minha casa”. Já na vizinhança, refiro-me à minha casa incluindo na expressão não só a residências em si, mas também o seu jardim ou quintal. Mas, se estou no “centro” da cidade, minha casa pode muito bem ser o meu bairro, com todas as suas ruas e jardins (DA MATTA, 1991, p. 16).

O autor reafirma como a casa e a rua são uma extensão uma da outra. O privado, em outras palavras, tem a capacidade de nos elucidar questões mais amplas, questões culturais, da rua, e sobre o funcionamento de uma sociedade em seu momento. Analisar a casa, o íntimo também é ter uma análise das ideologias religiosas oficiais e legitimadoras (DA MATTA, 1991).

A diferente conduta da população em espaços públicos e espaços privados é resultado da dominância e do poder exercido em cada um dos ambientes. No espaço privado, o código da casa é fundado na família, na amizade, na lealdade, nas relações pessoais. Na rua, a conduta é baseada nas leis universais, na burocracia, no formalismo. Entretanto, o espaço público interfere dentro das organizações de dentro da casa através do controle de informações disseminadas através de propagandas, costumes, modas, rádio, enfim, uma questão cultural. De todo modo, existe uma sensação de maior liberdade das condutas dentro da sua moradia, acionando e tocando nas relações pessoais (DA MATTA, 1991 p.15). Roberto Da Matta busca

relacionar as vivências do micro com o macro e mostrar como tanto a rua e a casa estão interligadas.

O espaço, território, demarcações com todos seus significados e memórias é coligado com as relações sociais da demarcação. O espaço se mistura com a ordem social do local de forma que não é possível analisarmos o espaço sem observar as relações que se constroem através ou em função dele (DA MATTA, 1991). Os nomes de ruas ou a divisão informal que é dada para as cidades também dá sentido para as condições sociais do local como exemplo temos Salvador onde a cidade foi dividida como cidade baixa e cidade alta representando as diferenças sociais de ambos espaços. No Brasil, segundo Da Matta, delimitar o espaço conforme suas atividades ou grupos sociais sempre foi mais complexo pelo fato do grande fluxo de diferentes pessoas circulando pelo mesmo espaço. Caracteriza isso as cidades terem seus “centros”.

O fato é que o espaço é demarcado no momento que alguém estabelece uma fronteira com outro espaço, demarcando um território. No entanto, tal demarcação não se resume a uma separação de solo, pois essa separação precisa ser significada e legitimada por algum grupo de pessoas. O tempo é tão complexo quanto o espaço e ambos caminham juntos no momento da construção de um sentido para o território ocupado.

O espaço é interligado pelo tempo, eles existem juntos e dão sentido ao vivido. O tempo e o espaço têm diferentes significados dependendo da sociedade em que se vive. O tempo dentro do sistema capitalista é marcado pelo trabalho, mas também pelas rotinas diárias que se constroem dentro de casa, pelas rotinas de manutenção do corpo como comer, dormir, e ter níveis básicos de satisfação tanto em comunidade como individuais (DA MATTA, 1991, p. 25).

Historicamente, na maioria das sociedades ocidentais as mulheres foram as encarregadas pelos rituais domésticos, delegadas à vida privada, enquanto os homens estariam mais ativamente presentes nas esferas públicas. Como aponta Michelle Perrot (2005, p. 34), “o mundo público, sobretudo econômico e político, é destinado aos homens e é o mundo que conta”, enquanto as mulheres seriam responsáveis pelas anotações dos rituais privados e diários, que vão desde os livros de anotações da casa aos diários íntimos (PERROT, 2005, p. 35). Nesse caso, o que podemos assemelhar é a escrita dos diários no espaço doméstico, no entanto, Carolina Maria foi uma mulher que precisou ocupar o espaço público e trabalhar para sustentar sua própria família.

Ao abordarmos a vida privada, é necessário compreender como se define o privado, ou seja, como é feita a diferenciação do privado a partir da definição do que é público. Para entender melhor a separação entre o espaço público e o espaço privado é essencial refletirmos

sobre alguns segmentos da sociedade como economia, família e igreja. A privacidade interna às casas é a domesticidade, que se relaciona aos costumes, à disposição dos móveis, às plantas das casas e à organização dos rituais de quem vive no ambiente. A privacidade por si se expande para os vizinhos, a forma como as pessoas se relacionavam com os locais próximos. Importante para analisarmos a construção dessa noção entre público e privado é saber que a construção desses espaços durante muito tempo da história foi impulsionada e modelada conforme os interesses de uma elite, a elite colonial e com o passar do tempo foi se mascarando como donos de empresa e detentores de algum tipo de poder na sociedade. Ter o controle desses dois espaços é ter o controle da ordem (NOVAIS, 1998). Entender como cada residência se organiza internamente é manter todas as pessoas sob vigília, por isso, entender o cotidiano ou a micro história é tão importante como observar os eventos no macro pois eles nos trazem diferentes signos que são capazes de nos dar inúmeras explicações sobre exploração e dominação. A micro história consegue realizar a reconstrução da vida de um indivíduo traçar um mapa social do contexto histórico da época em que o indivíduo estava inserido.

Michelle Perrot (2017), em seu livro “Os Excluídos da História”, discute a modificação das ruas e a intensiva campanha sobre a importância da casa própria para cada família. No início da Revolução Industrial, os operários saíam das fábricas e se reuniam nas praças como de costume. Lá, no espaço público, ao ocupar seu espaço de direito eles trocavam informações, debatiam sobre política e sobre seus direitos. Para que os trabalhadores fossem desmobilizados e os donos das fábricas tivessem maior controle da vida íntima de seus empregados houve uma série de mudanças na cidade. Nas ruas, que foram alargadas, destruídas as vielas, tornando sua função única e exclusivamente de passagem do trabalho para casa e vice-versa, como também, incentivo às casas próprias. Após essa campanha vinda da elite essa pauta entrou nos debates dos trabalhadores como primordial, sendo que, as condições de habitação sempre foram pauta, mas antes de pautar moradia eles pensavam sobre as condições de trabalho e direito à cidade com o mesmo peso da moradia. Portanto, para a elite, para os patrões ter o controle das casas e das ruas era possível dominar os corpos dentro e fora do trabalho.

O espaço privado descrito por Georges Duby (1998) no prefácio à História Privada é definido como um local de recolhimento onde não é necessária uma defesa, é um local íntimo, familiar. A noção de privado-público é posterior a separação e análises que começaram a ser feitas entre o espaço doméstico e o espaço público. Essas concepções começaram a se formar

na mesma medida em que o Estado foi se fortalecendo e as cidades foram sendo urbanizadas e com isso os espaços começaram a ser e mais privatizados.

No primeiro volume da série de livros *História da Vida Privada no Brasil*, Fernando Novais, organizador geral da coleção, trata no primeiro capítulo das condições de privacidade no Brasil colônia. Para o autor, no ocidente a separação entre privado e público começou a acontecer após a chegada da modernidade (NOVAIS, 1998, p. 15). Conforme Portugal ia colonizando o “Novo Mundo” aumentavam o fluxo de pessoas e a circulação das mesmas por conta da mudança econômica que acontecia no local. O crescente fluxo populacional acabava por influenciar também na intimidade das pessoas tendo seu cotidiano alterado e dificuldade de estreitar laços entre as pessoas. Algo interessante ressaltado pelo autor no decorrer do capítulo referente às mudanças que aconteceram na colônia são os sentimentos destacados para a época como MOBILIDADE.DISPERSÃO. INSTABILIDADE (NOVAIS, 1998, p. 21) muitos desses sentimentos podemos perceber na população conforme a modernidade foi crescendo nas capitais. Com estas palavras-chave, Novais indica as principais linhas pelas quais mudanças estruturais, alterando a economia, o fluxo de pessoas, e os sentimentos de instabilidade e insegurança gerado nas pessoas. Outro ponto importante sobre mobilidade e instabilidade diz respeito à grande mudança de pessoas para locais diferentes do país, criando maior identificação regional e forjando uma identidade nacional. Um exemplo dessas mudanças em relação ao comércio foi no Nordeste do país, onde o açúcar começou a ser produzido para o comércio externo, ou em São Paulo com o comércio subsidiário gerando maior instabilidade para as pessoas.

Novais (1998, p. 28) aponta que, no período colonial, “[a]s populações aparecem, pois, clivadas em dois estratos: os que são compelidos ao trabalho e os que os compelem. Os dominadores e os dominados, os senhores e os escravos”. Para o autor, as relações construídas na época que repercutiram no cotidiano e na vida íntima das pessoas devem ser analisadas através dessa divisão entre dominadores e dominados. A sociedade da época era escravista e através das interações acontecia a miscigenação onde o homem branco se relacionava com as mulheres negras que eram escravizadas e seus filhos nasciam também em situação de escravização. O cotidiano era atravessado pelas questões de classe e desigualdade racial e de gênero Novais (1998) também resalta novamente as sensações causadas em função da formação da colônia que visava apenas o comércio, e assim, dava o início ao capitalismo no Brasil. As sensações citadas pelo autor eram de INSTABILIDADE. PRECARIÉDADE. PROVISORIEDADE. Os desdobramentos dessas relações e sensações atravessaram a história

da brasil colônia, atravessando as relações instituídas no período do império, chegando à primeira república

Para Nicolau Sevcenko (1999), a passagem do século XIX para XX no Brasil foi o momento que envolveu o maior número de mudanças atingindo o maior número de pessoas. Modificando os ritmos de vida, o consumo de produtos, e as formas de se organizar socialmente isso tudo caracterizado pela modernidade influenciada pela Europa. Em capítulo no terceiro volume da *História da Vida Privada do Brasil*, Paulo Cesar Garcez Marins (1998) discute o surgimento das metrópoles e dos novos limites e reconfigurações das habitações e vizinhanças. Segundo o autor, na passagem do século XIX para o século XX, as cidades surgiram como uma nova esperança de melhoria no país, ancoradas no princípio da modernidade. A esperança era de que as cidades iriam superar a miséria e o difícil passado da escravidão (MARINS, 1998).

O espaço tomou uma nova forma e novos significados. Então, surgiam multidões e dentro delas as pessoas começavam a conviver e se misturar. Todas sempre em busca de melhores oportunidades e possibilidades de viver uma vida mais confortável, aluguéis baratos, maiores condições. No entanto, nas manchetes de jornais as palavras mais usadas para caracterizar as mudanças eram tumulto e desordem; classificação que partir de um olhar privilegiado da sociedade, visto que, para o povo, a população pobre, era no tumulto e na desordem que se formavam as novas redes de sociabilidade e novas formas de organização social.

De um lado estava a elite, e do outro lado, o povo. A elite apostava na modernização da cidade, nas ruas, na centralização do poder e moradia para os pobres nunca foi uma prioridade para os ricos. A desigualdade crescia. O povo ocupava os lugares possíveis na cidade e viviam em habitações superlotadas e insalubres, como a exemplo dos famosos cortiços no Rio de Janeiro. Por conta da industrialização e das mudanças na cidade moderna, as moradias passam por uma mudança em sua estruturação, assim como, a vida privada das pessoas que passa cada vez mais a ser submetida ao controle do Estado. Agora, o indivíduo não obedece só a ele mesmo, mas, também, ao Estado. O controle do Estado passou a vigorar, mais do que nunca, na circulação das ruas, praças, na movimentação das pessoas e também na imposição do controle dentro de casa através da família nuclear. A privacidade não era mais vista apenas como domesticidade, dentro das paredes, mas também na vizinhança e nas ruas que cercavam as moradias.

Os trabalhadores e a população pobre como resposta as medidas da elite, se organizava de sua própria maneira criando sua própria identidade. Dessa forma, as relações de poder eram

tensionadas também pela disputa do espaço. Para quem não tinha condições financeiras de ter uma moradia fixa, a visão de habitação era muito transitória em função das mudanças que eram forçadas pelas elites da cidade. Por exemplo, a primeira cidade a sofrer o amplo projeto de reformas urbanas foi o Rio de Janeiro, até 1960, a cidade foi alvo de tentativas de harmonização entre moradia e vizinhanças tentando estender seus olhos e controles para a dimensão pública e dessa forma ter a privacidade controlada. Um ocorrido no Rio de Janeiro em 1893 foi a demolição do cortiço Cabeça de Porco que havia sido condenado pela Inspetoria Geral de Higiene e mais de 2 mil famílias perderam suas casas e não conseguiram retirar seus pertences, essa história é narrada por Sidney Chaloub no livro “Cidade Febril” (páginas 7 a 9 do livro cidade febril).

As reformas urbanas, para além da urbanização, tinham a intenção de reformular os costumes da sociedade, e na sua implementação os direitos cívicos dos pobres eram ignorados. Em São Paulo que no fim do século XIX não era uma cidade tão grande quanto Recife e Rio de Janeiro, a administração pública pensava que não viria a ter os mesmos problemas de más condições de moradia que existiam nas outras capitais. Mas, no início do século XX, o estado se propõe a ser centro financeiro do país e começa a aglomerar mais trabalhadores, as condições começam a se tornar mais precárias e com os fortes alagamentos, a maior parte das casas, feitas de madeira, começa a apodrecer. Higienópolis e o bairro da Liberdade eram os locais onde a elite se concentrava. Os ricos que moravam em palacetes tinham suas delimitações materiais entre o espaço privado e público bem construídos através de grades e portões altos que delimitavam bem seu espaço e garantiam a “segurança” de suas famílias.

A partir de 1911 a *City of Sao Paulo Improvements and Freehold Co.* Iniciou seu processo de capitalização de terrenos e implantação do sistema imobiliário. O bairro Jardim América começou a surgir em 1913. Uma das táticas dessas grandes construtoras é que comprando um grande lote em São Paulo começaram a garantir uma vizinhança homogênea para quem tinha dinheiro para investir nesse tipo de moradia.

Interessante perceber o surgimento dos apartamentos na cidade, pois as moradias coletivas eram taxadas como impróprias pois eram habitações geralmente de pessoas pobres. Porém, com os novos investimentos de construtoras novos edifícios começaram a ser construídos e dessa forma os apartamentos e moradias coletivas atingiram uma nova classe da sociedade que por sua vez era totalmente aceita. Nesse período cresce a chegada dos imigrantes para trabalhar na cidade e acontece o aumento da industrialização.

4 A FORMAÇÃO DAS FAVELAS NO ESTADO DE SÃO PAULO

Em São Paulo o discurso de modernidade foi muito forte, e trouxe consigo a urbanização do espaço. Para contextualizar melhor o crescimento da cidade é fundamental entender suas tradições econômicas que giravam em torno do “ouro verde”, o café. A economia do estado como um todo dependia das safras anuais. Ao final do século XIX e início do século XX, São Paulo se tornou um grande polo capitalista que controlava grande parte da economia do Brasil, e passou a oferecer muitas oportunidades de trabalho. Com isso, houve muita imigração em busca de uma vida nova (DE MATOS, 1999).

A cidade, com sua promessa de vida melhor, cresceu muito rapidamente e não foi capaz de comportar tal mudança repentina. A população que ia chegando encontrava trabalho no comércio ou nas indústrias, juntamente com o crescimento da população e as mudanças na cidade, as tensões sociais e conflitos começaram a desenhar os agentes do espaço e a busca por uma vida minimamente digna. Os bairros, cortiços e vilas começaram a se formar conforme a necessidade das pessoas que habitavam o espaço, geralmente o local escolhido para habitar era próximo ao local de trabalho. As relações eram muito dinâmicas e solidárias havendo estratégias de sobrevivência coletiva.

No início do século XX pouco se falava sobre a existência das favelas não houve espaço para a favela que era considerada local apenas de miséria e quase sem conteúdo para ser disputado. Licia do Prado Valladares (2016) tem o objetivo em seu livro sobre o início das favelas cariocas de introduzir e localizar esses espaços na história, e na cidade desde o início de sua existência. A autora busca reconstruir o imaginário social da favela que temos hoje, discutindo, em especial, a reconstrução no Rio de Janeiro com base nas medidas sanitárias e de embelezamento que as capitais sofreram na época, medidas estas tomadas por médicos, engenheiros, sanitários, urbanistas e jornalistas. Percebe-se que desde o início a preocupação com o embelezamento e modernização da cidade veio antes das condições de moradia para todos. A busca pelo embelezamento apenas serviu para agradar os olhos dos ricos e fazer com que os terrenos sob sua posse valorizassem e dessa forma pudessem acumular mais capital.

Segundo a autora existem dois grandes períodos que determinaram o imaginário sobre as favelas (VALLADARES, 2016). O primeiro foi construído através das políticas sanitária, da construção do Censo das Favelas da Prefeitura do Distrito Federal e do Censo demográfico e registrada por meio de jornalistas, engenheiros, políticos no início do século XX até meados de 1950. O outro momento de conhecimento da favela passa a ser marcado pelos estudos das

universidades nesses espaços e sobre as vivências que acontecem na favela, as ciências sociais entra nas pesquisas a partir de 1960 e vem até hoje.

No século XIX a pobreza começou a ser mais notificada como um problema e relatada por jornalistas ou escritores literários, dessa forma, eram essas pessoas que tinham maior contato com os moradores dos cortiços e que propunham mudanças para a cidade através de suas profissões. Os cortiços tanto na Europa como no Brasil eram grandes disseminadores de doenças por conta de suas péssimas condições de habitação haviam muitas famílias morando em espaços muito pequenos, esgotos a céu aberto, e falta de água.

As primeiras crises de despejo da cidade moderna iniciaram na cidade através das leis públicas sanitárias e higienistas onde as justificativas eram de que a ciência conseguiria solucionar os problemas sociais e a modernização continuaria permitindo, assim, os despejos e destruição dos cortiços. No entanto, as medidas sanitárias que as cidades obtiveram não foram medidas de melhoramento nas condições de habitação e moradia, mas mudanças em prol do visual da cidade, do embelezamento urbano para que as elites pudessem desfrutar da cidade. Entendo que as medidas sanitárias também vieram com o propósito de melhorar a saúde da população, prevenir e extinguir doenças, mas se certa forma a elite tirou proveito das medidas sanitárias.

Valladares fala em seu livro que as favelas iniciaram nos cortiços. No caso do Rio de Janeiro, o prefeito Pereira Passos com suas medidas sanitárias proibiu a construção de novos cortiços na cidade e autorizou a demolição do maior cortiço da cidade chamado Cabeça de Porco (CHALHOUN, 2018), logo após os moradores dos cortiços começaram a ocupar as encostas dos morros ao redor dando início, por exemplo, ao Morro da Providência, posteriormente nomeado de Favella. Essa situação ocorreu em outras capitais do país, em São Paulo os cortiços também foram proibidos, inclusive, Carolina Maria de Jesus relata sua expulsão de um cortiço em São Paulo assim como o momento da sua chegada na favela do Canindé as margens do rio Tiete. Em Florianópolis também é possível perceber a ocupação dos morros que rodeiam o centro da cidade, essa ocupação iniciou com a expulsão dos moradores pobres de suas antigas casas (SANTOS, 2009). Assim, começaram a surgir as favelas caracterizadas pela falta de traçado e pelas construções desniveladas criando um mosaico urbano.

Foram muitas as reportagens sobre o arquétipo sobre a favela e sobre o microcosmo, criou-se, então uma imagem sobre o que acontecia na favela e quem ocupava aquele espaço. Luiz Edmundo (1938) ao visitar o morro de Santo Antônio no Rio de Janeiro disse:

Em Santo Antônio, outeiro pobre, apesar da situação em que se encrava na cidade, as moradas são, em grande maioria, feitas de improviso, de sobras e de farrapos, andrajosas e tristes como os seus moradores. [...] Por elas vivem mendigos, os autênticos, quando não se vão instalar pelas hospedarias da rua da Misericórdia, capoeiras, malandros, vagabundos de toda sorte, mulheres sem arrimo de parentes, velhos dos que já não podem mais trabalhar, crianças, enjeitados em meio a gente válida, porém, o que é pior, sem ajuda de trabalho, verdadeiros desprezados da sorte, esquecidos de Deus [...] (EDMUNDO, 1938, p. 246-247, grifo nosso).

No início do século XX a favela passa a ser reconhecida e também se torna um problema para a elite. Dessa forma, em 1937 o Código de Obras proíbe a criação de novas favelas, assim, acaba por reconhecer a existência das favelas e se propõe a administrar as já existentes

Percebe-se, que desde o início dos estudos sobre a favela criou-se uma dualidade entre favela e cidade. E é cada vez mais importante que moradores das favelas ocupem a cidade e os espaços na política e nas universidades tornando a vida mais democrática e que os estereótipos criados sobre a favela sejam desconstruídos. O primeiro levantamento sobre as favelas foi feito em 1948, e em 1950 o IBGE incluiu a favela na contagem da população. As características dadas num primeiro momento para as habitações das favelas era predomínio de casebres ou barracões de aspecto rústico com telhados de zinco, em terrenos sem licenciamento, ausência de rede sanitária, luz, telefone e água encanada. Posterior a essa contagem de 1950 em 1991 o IBGE passa a usar o termo “aglomerado subnormal” ao invés de favela, sendo cada um desses conjuntos habitados por no mínimo 51 unidades habitacionais carentes dispostas de forma desordenada e não padronizada (PASTERNAK; D’OTTAVIANO, 2014). Os motivos para a criação das favelas foram crise econômica, o alto preço dos aluguéis, e a falta de ofertas para moradoras de baixa renda. Esses fatores potencializaram o crescimento sistemático das favelas (PASTERNAK; D’OTTAVIANO, 2014).

Na década de 1950, a cidade de São Paulo, desenvolvida e urbanizada com base no discurso do desenvolvimentismo higienista, apresentava à Carolina Maria diversas contradições historicamente construídas. Essas contradições acentuavam a divisão territorial da cidade e influenciaram o início das favelas paulistanas (CANHA, 2016, p. 6). Para compreender a construção da organização da vida pública e privada nas favelas é necessário se aprofundar nas relações sociais, econômicas e nos processos políticos da história.

A crise habitacional de São Paulo é um dos grandes destaques para os leitores e leitoras a respeito da precariedade e das dificuldades das pessoas pobres na cidade. As mudanças habitacionais começaram por volta de 1920 com a chegada de imigrantes e a construção de moradias populares, os “cortiços”, como citado por Suely Lucena Canha (2016) o aumento da

população que chegava na cidade atrás de oportunidades começou a criar ocupações de terrenos, e aglomerações de famílias. Segundo a autora, alguns desdobramentos e dificuldades habitacionais que Carolina Maria de Jesus relatou em seus diários eram provenientes do “Plano de melhoramentos” encabeçado por Raymundo Duprat entre 1911 e 1914. Esse “plano de melhoramento” foi criado sob os preceitos do sanitarismo e da modernidade. Os cortiços locais que de certa forma não condiziam com uma paisagem embranquecida foram demolidos ou desapropriados, e seus habitantes foram despejados, sem nenhum auxílio por parte do governo (PICCINI, 2004).

As mobilizações e reorganizações da cidade de São Paulo também aconteceram por conta da abertura de ruas e vias urbanas que passaram a privilegiar o movimento dos carros e não mais os pedestres. O surgimento de mais trânsito, mais carros e a aceleração do tempo através da modernidade modificou fortemente o território. A cidade inserida na dinâmica do capitalismo acaba por se modificar a partir das necessidades do capital na busca por mais acúmulos e mais dinheiro. Em 1930, os despejos continuaram acontecendo, pois novas leis foram criadas proibindo moradias coletivas que eram consideradas pelos governantes higienistas como insalubres e uma ameaça para a saúde pública. De acordo com L. Kowarick e N. Bonduki,

Em 1945 foram assinadas 2.614 ações de despejo, número que subiu para 5.121 em 1946” onde 15.000 famílias foram despejadas, atingindo algo em torno de 75.000 pessoas. Os despejos chegaram a afetar entre 10 e 15% dos munícipes (KOWARICK; BONDUKI, 1988, p. 111).

Os primeiros barracos do Canindé surgiram quando o Estado quis “limpar” o centro da cidade e mandou que caminhões levassem os moradores de rua para outro lugar. Assim, formou-se a favela do Canindé as margens do rio Tietê. Não se tratava de uma grande favela, comparada com as de hoje em dia. Tinha cerca de 180 casas e uma só torneira onde as mulheres buscavam água. As favelas só começaram a ser reconhecidas pelo poder público após o cadastro das favelas em de São Paulo, que aconteceu em 1973 (CANHA, 2016, p. 11). A partir desse cadastro, foi possível ter uma consciência maior sobre o espaço e quantas pessoas moravam nas favelas. Suely Canha (2016) ressalta a importância do uso do diário de Carolina Maria como um contraponto às informações que não eram oferecidas pelo Estado e muitas vezes ignoradas

em suas pesquisas. Por fim, a favela do Canindé sofreu do desfavelamento em 1961, com a alegação de que o espaço era alvo das enchentes e precisava ser desocupado.

Com a construção das favelas é inevitável não adentrarmos na questão do direito à cidade. Lefebvre fala em 1968 sobre o direito de imaginar a cidade, sobre a importância dos habitantes se sentirem pertencentes a cidade e aptos a habitá-la. O direito à cidade é um direito coletivo, um empoderamento de todas as pessoas sob o território. Para além, do direito à cidade o Brasil deixa a desejar no sentido de políticas sobre o cotidiano das pessoas. As políticas públicas podem partir de ações no micro, nos bairros, nas cidades para depois se tornarem políticas nacionais, dessa forma, podem ser até mais efetivas no dia-a-dia. Para S. Kapp,

O espaço cotidiano seria, assim, a menor escala de um exercício concreto do direito à cidade entendido como direito coletivo de transformá-la. A autonomia na sua produção implica que grupos locais e microlocais determinem seus processos e desenvolvam-nos ao longo do tempo. Essa possibilidade está focada em relações de vizinhança, na negociação e ação numa coletividade territorial, na capacidade de solucionar diretamente e sem complexos mecanismos burocráticos os fatores de desconforto de ambientes privados, coletivos ou públicos, nas oportunidades de transformar rotinas ou levar a cabo empreendimentos criativos, na perspectiva de definir serviços ou equipamentos disponíveis (KAPP, 2012, p. 469).

Carolina Maria de Jesus contraria o modelo de modernização de São Paulo na segunda metade do século XX ao dar voz a situação de desigualdade vivenciada pelos imigrantes em São Paulo. A autora em sua Livro *Onde Estaes Felicidade* (2014) revela o momento em que os casarões começaram a ser demolidos na cidade e os arranha-céus passaram a ser construído no lugar deles sem que as pessoas pobres fossem devidamente indenizados.

Na obra “Onde Estaes Felicidade (2014)” a autora descreve o momento onde os casarões começaram a ser demolidos e o caminho percorrido pelos desalojados até as margens do rio Tietê. Dentre as citações sobre as demolições e a expulsão dos moradores dos casarões a autora fala sobre o curto prazo exigido, a pressão policial, as mobilizações sociais e a retirada dos moradores. Rogério Haesbaert (2014) define essas expulsões como “desterritorialização” “exclusão/privação do território” colocando o espaço para se viver como um lugar indispensável para que uma pessoa consiga exercer seus direitos como cidadão. A retiradas dos casarões do centro e a realocação para locais mais afastados da cidade fazia com que a vida dessas pessoas ficasse mais cara ou mais precária, visto que o transporte público era pago o custo de vida e deslocamento até o centro da cidade ou os trabalhos aumentava.

A questão de classe, segundo David Harvey (2012), não afeta apenas o local de trabalho das pessoas, mas todas os quesitos de sua vida inclusive o estilo e o local onde se vive. Carolina chega a falar algo marcante sobre a pobreza dizendo que para quem é pobre tudo é abstrato (JESUS, 2014, p. 182).

No livro “A Casa de Alvenaria” também obra de Carolina de Jesus (1961, p. 17):

Falamos da favela. E porque a favela é o quarto de despejo de São Paulo. É que em 1948 quando começaram a demolir as casas térreas para construir os edificios, nós os pobres que residiam nas habitações coletivas fomos despejados e ficamos debaixo das pontes. É por isso que eu denomino que a favela é o quarto de despejo de uma cidade.

4. 1 CANINDÉ

O reconhecimento da escrita de Carolina Maria de Jesus como uma escritora negra, marginalizada e diaspórica abriu um leque de mais possibilidades interpretativas a partir de seu diário, onde a escritora conta sua trajetória e expõe seus pensamentos e sentimentos. A linguista Julia Almeida (2017) em seu artigo sobre a trajetória da Carolina Maria de Jesus analisou as primeiras experiências da autora na favela do Canindé entre 1948 a 1953, onde a mesma deu continuidade com seus escritos de seu livro *Quarto de Despejo* pelo período de 1955 a 1960. A publicação do livro de Carolina Maria, em 1960, possibilitou que estudiosos adentrassem no até então desconhecido espaço da favela. Ao mesmo tempo em que a autora retratava sua vida na favela e a desigualdade que sentia eram demarcados os contrapontos entre a cidade e o campo, e a cidade e a favela. O século XX, caracterizado pelo início das construções de prédios e arranha-céus foi denunciado nas obras por uma realidade de muita pobreza nas áreas afastadas do centro da cidade.

A favela do Canindé era habitada por 99 famílias, 180 casas que se abasteciam de uma única torneira instalada na caixa de água que havia no local (CANHA, 2016). As mulheres iam diariamente buscar água na bica e nessas filas em busca de água aconteciam muitos burburinhos, também escritos nos diários de Carolina Maria. Não havia infraestrutura na favela e o esgoto era por conta de cada família, por isso, muitas vezes acabava se misturando com a lama e causando um cheiro forte no espaço.

No capítulo *Favela* de Carolina Maria de Jesus (2014) a autora pauta algumas questões de desunião entre as pessoas que ocupavam o território, a disputa entre quem teria mais condição para sair do lugar, a falta de informação sobre os despejos, a pressão policial, a relação com os políticos e as retiradas dos grupos até chegar no momento da fixação as margens do Tietê. As narrativas da autora sobre o processo de remoção é uma descrição do movimento de desterritorialização e reterritorialização que muitas pessoas passaram na época (ALMEIDA, 2017).

“[...] Eu morava na rua Riachuelo. A casa foi demolida eu passei a residir no Hotel todas admirava. Dizia: granfina! Às vezes eu empregava, dormia nos empregos. Era a crise de habitações” (JESUS, 2014, p. 41).

Um dos motivos para a territorialização de Carolina Maria na favela foi sua gravidez. Como a mesma não queria morar em albergues e sabia que suas chances de conseguir um

emprego e moradia eram baixos resolveu se fixar na favela do Canindé para ter algum tipo de garantia. Em sua obra “*Felicidade Onde Estaes*”, a escritora descreve sobre o momento que decidiu ser importante ter sua própria casa novamente,

“[...] resolvi ir no patromonio pedir um lugar aqui na favela eu ia ser mãe. E conhecia a vida infausta das mulheres com filhos e sem lar”
(JESUS, 2014, p. 41).

Outra passagem da autora onde ela descreve os despejos que aconteciam na cidade de São Paulo e como a mesma percebia a representação da Favela para o Estado.

Falamos da favela. E porque a favela é o quarto de despejo de São Paulo. É que em 1948, quando começaram a demolir as casas terreas para construir os edificios, nós os pobres que residiamos nas habitações coletivas fomos despejados e ficamos debaixo das pontes. É por isso que eu denomino que a favela é o quarto de despejo de uma cidade (CASA..., 1961, p. 23).

Carolina discorre sobre a necessidade, por conta de sua gestação, de se estabelecer em um local mais estável onde ela pudesse criar seus filhos sozinha, então a mesma procurou o órgão responsável denominado pela mesma de “patrimônio” para pedir um espaço para que conseguisse construir uma moradia. Inicialmente, o barraco era de 1,5 metro por 1,5 metro, porém, com a chegada do segundo filho o barraco foi humildemente aumentado com caixotes e caibros, prevenindo as enchentes comuns no local. É interessante analisar o uso dos materiais para a construção das moradias nas favelas geralmente o que é descartado pela sociedade comum passa a ser reaproveitado por pessoas pobres, ou seja, há um papel muito interessante sobre a ressignificação e reutilização do lixo, nisso pode-se perceber a mentalidade de descarte criada pelo consumo desenfreado da sociedade.

O barraco de Carolina Maria de Jesus tinha muita importância para ela por abrigar seus filhos, e ser o espaço onde eles permaneciam enquanto ela trabalhava pela cidade em busca de alimento e dinheiro para sobreviverem. Seu barraco era seu mundo, como alguns biógrafos apontam. O geógrafo Jorge Luiz Barbosa (2012) define morada como um processo de identificação onde são dados mais significados do que apenas a construção material, a morada é um espaço de comunicação onde as relações são construídas para posteriormente se expandirem pelo mundo.

Para refletirmos sobre o caso específico de Carolina Maria e sua vivência no Canindé, é necessário analisarmos as condições das convivências em grupo do local. Em seu diário, muitas vezes a autora relata invasões no seu terreno e ocasiões onde a mesma acordou por conta das conversas e brigas dos vizinhos e também pelo barulho do rádio que era ligado pelo morador do barraco ao lado. Um dos fatores que definem nosso território também são os sons dele, ou seja, os sons da vizinhança também são uma característica desse espaço (MATOS; SOLLER, 1999). A partir dos relatos de Carolina Maria sobre seus incômodos com os ruídos externos ao seu barraco, ou seja, os ruídos não familiarizados da intimidade dela, é possível traçar um perfil da vizinhança onde por vezes havia festa até tarde, batuques do centro espírita próximo mas também gritos de mulheres pedindo socorro.

Julia Almeida (2017), em seu texto comparativo com Roland Barthes e Carolina Maria de Jesus e sua trajetória como escritora, fala sobre o “espaço total” e o barraco de Carolina Maria. O espaço delimitado para cada morador da favela é tão pequeno, e as moradias são construídas com paredes tão finas, que muitas vezes os relatos da autora se voltavam para a vida íntima dos vizinhos por ser possível escutar o que acontecia nas casas ao redor. Essa falta de distância entre as moradias produz muitas vezes atritos, invasões, e escutas forçadas como citado no texto de Julia Almeida. O maior traço barthesiano encontrado no texto da Carolina Maria é a escuta. A escuta da favela, os ruídos familiares que não compartilhados, essa privacidade compartilhada. Os ruídos de Carolina Maria relatam muitas vezes em seu diário são das brigas da vizinhança, o centro espírita, ou então mulheres pedindo por socorro.

Julia Almeida (2017, p. 63-66) escreve:

Enquanto o edifício burguês é, segundo Barthes, um espaço de escuta bisbilhoteira, a favela narrada por Carolina é um espaço de escuta forçada, como no caso do centro espírita: “a seção iniciava as sete da noite e terminava as 3 da manhã. Gritavam Choravam. Bebiam. Dançavam. [...] Quem reside em favela a noite que dorme dá graças a deus.

Após sua passagem pela casa de alvenaria quando saiu do Canindé, Carolina Maria encontrou uma certa paz e privacidade no interior de São Paulo onde teve acesso a água comida, roupas e pode, enfim, viver a seu modo (JESUS, 1961).

A analogia com o Quarto de despejo e a favela fica clara no decorrer no livro. A associação com uma casa e com seus cômodos é uma boa associação para que as pessoas consigam entender como a autora se sentia em relação a habitação na favela e as diferenças de classe, as dificuldades do dia a dia, a pobreza, a fome, sendo que nas vinculações é possível perceber como a favela estava para quarto de despejo enquanto a sala de estar era a prefeitura ou o centro da cidade. A mesma colocava a favela como quarto de despejo da cidade pois era o

local onde os “rejeitos” eram depositados para que não fossem vistos e nem ouvidos. Sabemos que os moradores da favela do Canindé eram em maioria pessoas desabrigadas e ignoradas pelo Estado dos seus direitos básicos. Assim como acontecia em 1960 as favelas do Brasil continuam em sua maioria sem a infraestrutura necessária para a população, e a maior parte dos trabalhadores continuam dando vida a favela e resistindo ao sistema exploratório.

Figura 1- Carolina Maria de Jesus na favela do Canindé



Fonte: FAVELA, 2018.

Figura 2- Carolina Maria de Jesus na favela do Canindé



Fonte: FAVELA..., 2018.

Figura 3- Favela do Canindé sendo demolida antes de ser extinta



Fonte: MORADORES..., 1961.

5 A PRIVACIDADE NO QUARTO DE DESPEJO

O Quarto de Despejo, diário de uma favelada, além de descrever a trajetória pessoal de uma mulher negra, mãe, vinda de outro território, catadora de lixo, escritora e poetisa também abriu as janelas e portas de quem lê para compreender a importância do direito à moradia, dos rituais diários, do espaço para existir, se refugiar, da cama para dormir, e da comida para se alimentar. O barraco, ou seja, o teto sobre a cabeça da família de Carolina possibilitou momentos de criação artística, anos de existência e resistência da escritora e de seus três filhos na cidade de São Paulo.

Neste capítulo, analisarei os registros das ações, rituais, pensamentos, e sentimentos da autora foram escritos por ela em seu diário durante sua vivência na favela do Canindé, e dar atenção especial aos momentos em que a autora escreve sobre sua rotina, sobre a vizinhança, e sobre as andanças pela cidade. Dessa forma, pretendo destacar um pouco mais da construção dos rituais diários que Carolina tinha em seu cotidiano, por exemplo, escovar os dentes, comer, ler, e também a noção de privacidade e espaço/território a partir das condições que a autora encontrava na favela do Canindé. Por ser uma figura muito marcante, de temperamento forte, e muito desejo artístico, Carolina relata seus momentos de escrita criativa, mas também a interferência externa nos seus momentos de intimidade. A ordem dos trechos acompanha cronologia da escrita do diário que iniciou em 1955 e acabou em 1959.

Barthes (2003) discute os modos da vida cotidiana e analisa a utopia que seria o momento de equilíbrio entre a solidão e o encontro, podendo ser interpretado com o momento em que nós seres humanos saímos de um espaço de intimidade para um local aberto em contato com outras pessoas. O espaço urbano moderno, em uma de suas traduções, é o local onde o espaço privado se sobrepõe de significados em comparação ao espaço público e dessa forma se ressalta “obsessão com a individualidade” do mundo moderno (SILVA, 2012). A individualização na modernidade também é observada nas ilhas que se criam a partir das condições sociais, os apartamentos e edifícios altos com câmeras de segurança e privacidade são uma conquista conforme a classe social e criam o cânone da família, ter total privacidade e espaço privilegiado na cidade requer muito dinheiro e por isso é elitizado.

Ler e escrever eram práticas que a acalmavam, e geralmente os momentos que a autora reservava para a escrita eram durante a madrugada enquanto todos dormiam. Nesse caso, a leitura no capim da sua casa representa uma prática em relação ao seu ritual de leitura que se estende para o lado de fora da porta, no capim, onde a mesma pode ter um momento de reflexão

e relaxamento. O entorno de onde se habita é uma extensão das casas nesse caso o quintal é uma extensão do barraco.

Maria Izilda Matos (1999) explica a relação que todos nós temos com o espaço e, nesse caso, o território é além de um espaço concreto, também, um local de memórias individuais e coletivas com seus processos múltiplos de territorialização e desterritorialização. Assim, podemos perceber que os sentimentos em relação ao espaço e as atividades que a autora relatou em seu diário no tempo em que morava na favela do Canindé.

“16/07/1955[...] O nervoso interno que eu sentia ausentou-se. Aproveitei a minha calma interior para eu ler. Peguei uma revista e sentei no capim, recebendo os raios solar para aquecer-me. Li um conto.” (JESUS, 1960, p. 12).

Ao narrar os eventos do seu dia, desde o momento que acorda até a hora de dormir Carolina descreve quase sempre em ordem cronológica como foi seu dia. Os rituais diários, segundo (DA MATTA, 1991) marcam o tempo do trabalho, nesse caso, trabalhar, comer, ler, despir-se e deitar marcam um certo encerramento do dia que foi inicialmente marcado pelos rituais que antecedem a saída para o trabalho, no caso o café da manhã e a saída de casa.

Carolina Maria de Jesus descreve seu ritmo através de seus afazeres diários: trabalho, filhos, escrita (ALMEIDA, 2017). Por vezes a autora é obrigada a incluir seus filhos em seu ritmo de trabalho e os leva junto pela cidade. No caso, a saída para o trabalho se torna uma necessidade de sobrevivência, dessa forma, até mesmo seus horários e dias planejados e explicitados em seu diário obedecem a lógica da exploração onde os tempos de trabalho ditam seu dia. A partir de seus diários com a narrativa da autora é possível perceber a realidade vivenciada por ela e seus filhos tanto dentro de casa como nas ruas de São Paulo possibilitando uma análise da época na cidade.

18/07/1955 Fui catar papel e permaneci fora de casa uma hora. Quando retornei vi varias pessoas as mergens do rio. É que lá estava um senhor inconsciente pelo álcool e os homens indolentes da favela lhe vasculhavam os bolsos. Roubaram o dinheiro e rasgaram os documentos (...) É 5 horas. Agora que o Senhor Heitor ligou a luz! E eu, vou lavar as crianças para irem para o leito, porque eu preciso sair. Preciso dinheiro para pagar a luz. Aqui é assim. A gente não gasta luz, mas precisa pagar. Saí e fui catar papel. Andava depressa porque já era tarde. Encontrei uma senhora. Ia maldizendo sua vida conjugal. Observei mas não disse nada (...). **Amarrei os sacos, puis as latas que catei no outro saco e vim para casa. Quando cheguei liguei o rádio para saber as horas. Era 23:55. Esquentei comida, li, despi-me e depois deitei. O sono surgiu logo** (JESUS, 1960, p. 13, grifo nosso).

Carolina Maria relata em sua obra sobre o despejo que sofreu em São Paulo fazendo parte dessa grande porcentagem da cidade que foi prejudicada pelas ações elitistas do Estado. Durante esses anos de despejo, as margens do rio Tietê passaram a ser ocupadas, assim como os terrenos vazios e sem uso, formando, principalmente, a favela do Canindé, onde a autora passou grande parte da sua vida e escreveu seu diário.

Jorge Luiz Barbosa (2012) descreve a morada como um processo de pertencimento ao espaço que é preenchido com sentimentos e significados. As formas de comunicação que são criadas nas moradas extrapolam a visão de entendimento de apenas algo físico e material. Para Carolina Maria ficar dentro de casa era um privilégio onde ela e seus filhos encontravam alento e podiam recuperar suas energias dos dias de trabalho árduo, era um refúgio.

22/07/1955 [...] **eu gosto de ficar dentro de casa, com as portas fechadas. Não gosto de ficar nas esquinas conversando. Gosto de ficar sozinha e lendo. Ou escrevendo!** Virei na rua Frei Antonio Galvão. Quase não tinha papel. A D. NairBarros estava na janela. (...) Eu falei que residia na favela. Que favela é o pior cortiço que existe.

[...] Eu sou muito alegre. Todas manhãs eu canto. Sou como as aves, que cantam apenas ao amanhecer. De manhã eu estou sempre alegre. A primeira coisa que faço é abrir a janela e contemplar o espaço (JESUS, 1960, p. 22, grifo nosso).

A grande batalha da vida de Carolina sempre foi a estabilidade e segurança de uma moradia. A autora fez duras críticas à cidade e às exclusões que viveu. Suas analogias e pensamentos sobre a cidade e as separações dos bairros por conta das classes sociais tocam as estruturas de exploração que somos submetidos. É perceptível o desenvolvimento do capitalismo e os impactos na cidade e na vida das pessoas conforme sua classe social, conforme o capitalismo se desenvolve e a proposta de modernização é implantada nas cidades mais acontece a segregação do espaço.

19/05/1958 As oito e meia da noite eu já estava na favela respirando o odor dos excrementos que mescla com o barro podre. Quando estou na cidade tenho a impressão que estou na sala de visita com seus lustres de cristais, seus tapetes de viludo, almofadas de sitim. E quando estou na favela tenho a impressão que sou um objeto fora de uso. Digno de estar num quarto de despejo (JESUS, 1960, p. 29).

No livro *A história da vida privada do Brasil* (1998) muitos historiadores e historiadoras se debruçaram sobre o tema da privacidade para entender as estruturas das relações de poder da sociedade. Uma questão interessante destacada por Carolina Maria é a existência de cômodos na casa dos sonhos. Os cômodos e a arquitetura das casas também

constroem uma divisão de classe. Desde os privilégios por ter vários cômodos espaçosos destinados para atividades distintas, por exemplo, dormir em um cômodo diferente do que se faz as refeições, ou então ter mais de um quarto em casa. Além disso, também é possível analisar as estruturas familiares conforme a classe social e como esse núcleo familiar é detentor de poder dentro da sociedade burguesa. No próximo escrito de Carolina Maria de Jesus podemos ver seu desejo e também sua frustração a respeito do espaço, e dos privilégios de se ter uma casa e condições financeiras. A seguir dois momentos em que Carolina escreveu sobre como se sentia em relação a pobreza da favela.

21/05/1958 Passei uma noite horrível. Sonhei que eu residia numa casa residível, tinha banheiro, cozinha, copa e até quarto de criada. Eu ia festejar o aniversário de minha filha Vera Eunice. Eu ia comprar-lhe umas panelinhas que há muito ela vive pedindo, Porque eu estava em condições de comprar. Sentei na mesa para comer. A toalha era alva ao lírio. Eu comia bife, pão com manteiga, batata frita e salada. Quando fui pegar outro bife despertei. Que realidade amarga! Eu não residia na cidade. Estava na favela... (JESUS, 1960, p. 35).

12/06/1958 Eu deixei o leito às 3 da manhã porque quando a gente perde o sono começa pensar nas misérias que nos rodeia. [...] Deixei o leito para escrever. Enquanto escrevo vou pensando que resido num castelo cor de ouro que reluz na luz do sol. Que as janelas são de prata e as luzes de brilhantes. Que a minha vista circula no jardim e eu contemplo as flores de todas as qualidades. [...] É preciso criar este ambiente de fantasia, para esquecer que estou na favela. Fiz o café e fui carregar água. Olhei o céu, a estrela D'alva já estava no céu. Como é horrível pisar na lama. As horas que sou feliz é quando estou residindo nos castelos imaginários (JESUS, 1960, p. 52).

Nos trechos de Carolina é possível perceber que mesmo sem estudos a vida prática e os sofrimentos dos trabalhadores se faz presente no olhar sobre a cidade, enquanto a cidade era modernizada para alguns ela empobrecia para outros.

Matos e Soller (1999) falam sobre a mudança da história a respeito da visão sobre o espaço no momento em que as teorias globalizantes começam a ser questionadas, assim como, a universalidade do discurso histórico. A mudança de olhar da história fez com que houvesse uma descentralização do sujeito histórico dentro das narrativas tradicionais. A autora aponta para os novos corpos documentais, a polarização entre o espaço público-privado, campo-cidade, sujeito-objeto, e os olhares mais atentos para as singularidades do cotidiano que a história passou a ter.

07/07/1958 Quando Vou a cidade tenho a impressão que estou no paraíso. Acho sublime ver aquelas mulheres e crianças tão bem vestidas. As casas com seus vasos de flores e cores tão variadas. Aquelas paisagens há de encantar os olhos dos visitantes

de São Paulo. Que ignoram que a cidade mais afamada da América do Sul está enferma. Com as úlceras. As favelas (JESUS, 1960, p. 73).

O espaço que estamos tentando é uma experiência individual e coletiva e pode ser desenhado pela matéria, as casas, a paisagem do local, mas também por memórias, sons, presenças não materiais. Sobre a experiência coletiva da urbanização de São Paulo, Matos e Soller (1999) escrevem:

“A casa aparece como centro do mundo, a partir do qual a cidade se constrói em várias direções: o quintal, o terreiro, a rua, o bairro, o rio e a várzea (espaço para secar roupa, de jogar futebol, acampar, pescar lambari com panela), então se tornou mais difícil delimitar o público e o privado” (Matos e Soller, 1999, p. 136)

É possível perceber a presença do quintal na vida de Carolina: ali ela lia e escrevia, tomava sol, e seus filhos podiam brincar, o quintal para o seu pequeno barraco era uma extensão de sua casa. Além disso, como os barracos eram muito próximos no diário é evidente a participar dos vizinhos na construção do espaço da autora. Muitas vezes a autora descreve o cenário da favela com abusos contra mulheres, homens alcoolizados, violência e gritos que atrapalhavam seu sono, ou seja, interferência externa dentro do seu barraco e da sua rotina.

08/07/1958 Eu estava indisposta, deitei cedo. Despertei com a algazarra que fazia na rua. Não dava para compreender o que diziam porque todos falavam ao mesmo tempo e era muitas vezes reunidas Vozes de todos os tipos. Eu queria levantar para pedir-lhe que deixasse o povo dormir. Mas percebi que ia perder tempo. Eles já estavam alcoolizados. A leila deu o seu show. E os seus gritos não deixou os vizinhos dormir. As quatro horas comecei escrever. Quando eu desperto custo adormecer. As quatro horas comecei escrever. Quando eu desperto custo adormecer. Fico pensando na vida atribulada e pensando nas palavras do Frei Luiz que nos diz para sermos humildes. Penso: se o Frei Luiz fosse casado e tivesse filhos e ganhasse salário mínimo, aí eu queria ver se o Frei Luiz era humilde. Diz que Deus dá valor só aos que sofrem com resignação. Se o Frei visse os seus filhos comendo gêneros deteriorados, comidos pelos corvos e ratos, havia de revoltar-se, porque a revolta surge das agruras. [...] Mandei o João comprar 10,00 de queijo. Ele encontrou-se com o Adalberto e disse-lhe para ele vir falar comigo. É que eu ganhei umas tabuas e vou fazer um quartinho para eu escrever e guardar meus livros. Eu sai e fui catar papel. Pouco papel nas ruas, porque outro coitado também está catando papel. Ele vende o papel e compra pinga e bebe. Depois senta e chora em silêncio. Eu estava com tanto sono que não podia andar. A Dona Anita me deu doces e ganhei só 23,00. Quando cheguei na favela o João estava lendo gibi. Esquentei a comida e dei-lhes. O barulho noturno que ouvi: as mulheres estavam comentando que os homens beberam 14 litros de pinga. E a Leila insultou um jovem e ele espancou-a. Lhe jogou no solo e deu um pontapé no rosto. O ato é selvagem. Mas a Leila quando bebe irrita as pessoas. Ela já apanhou até do chicle um preto bom que reside aqui na favela. Ele não queria espanca-la. Mas ela desclassificou-lhe demais. Ele deu-lhe tanto que até arrancou-lhe dois dentes. E por isso o apelido dele aqui na favela é Dentista... (JESUS, 1960, p. 76).

20/07/1958 Ia recomeçar escrever quando o Adalberto chegou. Veio fazer uma cerca para mim. Para evitar a entrada dos nortistas que por qualquer motivo vem aborrecer. Quem trabalhou na cerca foi o Adalberto, o Luiz, hospede recente da favela e o José da Dona Rosa. Compraram pinga e eu fiz caipirinha. E fiz almoço para eles. Era 1 hora quando eu ia recomeçar escrever. O senhor Alexandre começou a bater na sua esposa. A Dona Rosa interviu. Ele dava ponta-pé nos filhos. Quando ele ia enforçar a Dona Nena, a Dona Rosa pediu socorro. Então o soldado Edison Fernandes foi pediu ao senhor Alexandre para não bater na sua esposa. Ele não obedeceu e ameaçou o soldado com uma peixeira. O Edison Fernandes deu-lhe uns tapas. O Alexandre avoou que nem balão impelido pelo vento (JESUS, 1960, p. 85).

Muitos dos trechos do diário trazem ações simples do cotidiano como preparar o café ou buscar água na bica. Geralmente, essas atividades antecipavam a saída para trabalhar na rua, é perceptível que Carolina descreve as ações diárias por entender a importância, para ela e para seus filhos, de se colocar como protagonista da sua vida e também para dar a noção de tempo que é construída a partir dos nossos rituais diários e do nosso trabalho como explica Da Matta em seu livro *A Casa e a Rua*.

A fome é outro delineador das poesias e do diário: suas obras ficaram conhecidas por tocarem nesse ponto delicado. Carolina certa vez disse que a cor da fome é amarela, dentro dos rituais diários dela os horários das refeições são muito importantes com detalhes sobre o que ela e seus filhos comem e todas as faltas que a família sentia no prato (SILVA, 2019).

21/08/1958 Fiz café e mandei os filhos lavar-se para ir na escola. Depois saí e fui catar papel. Passei no frigorífico e a Vera foi pedir salsicha. Ganhei só 55 cruzeiros. Depois voltei e fiquei pensando na minha vida. O Brasil é predominado pelos brancos. Em muitas coisas eles precisam dos pretos e os pretos precisam deles. (...) Quando eu estava preparando para fazer o jantar ouvi a voz da Juana que pediu-me alho. Dei-lhe 5 cabeças. Depois fui fazer o jantar e não tinha sal. Ela deu-me um pouco (JESUS, 1960, p. 102).

23/08/1958 Havia tanto papel nas ruas, que ganhei 100 cruzeiros. Comprei sanduiche para os filhos. Eles gostam de andar comigo porque compro algo para eles comer. A mãe está sempre pensando que os filhos estão com fome.
[...] Lavei as louças e varri o barraco. Depois fui deitar. Escrevi um pouco. Senti sono, dormi. Acordei varias vezes na noite, com as pulgas que penetra nas nossas casas, sem convite (JESUS, 1960, p. 104).

Nos trechos a seguir Carolina inclui a presença do rádio no seu cotidiano. Naquela época o rádio era o transmissor das telenovelas, das músicas e das notícias; como as paredes dos barracos eram finas, o tamanho de um ou dois cômodos, e as moradias eram próximas o som do rádio dos vizinhos e as brigas da vizinhança podiam ser ouvidas de dentro do barraco da escritora. A mesma coloca o rádio como um despertador também, ela ouvia rádio as 4 da manhã quando acordava e também ouvia o rádio dos vizinhos. Assim, podemos entender como se construía a atmosfera sonora da favela do Canindé.

02/09/1958 “A coisa que eu tenho pavor é de entrar no quartinho onde durmo, porque é muito apertado. Para eu varrer o quarto preciso desarmar a cama. Eu varro o quartinho de 15 em 15 dias.” (JESUS, 1960, p. 106).

08/12/1958 **“Deixei o leito as 4 da manhã. Liguei o rádio para ouvir o amanhecer do tango.”** (JESUS, 1960, p. 125).

06/01/1959 **Deixei o leito as 4 horas, liguei o rádio e fui carregar água.** Que suplicio entrar na água de manhã. E eu que sou frienta! Mas a vida é assim mesmo.

... Eu estava escrevendo quando o filho do cigano veio dizer-me que o seu pai estava chamando-me. Fui ver o que ele queria. Começou queixar-se que encontra dificuldades para viver aqui em São Paulo. Sai para procurar emprego e não encontra. (JESUS, 1960, p. 132).

15/01/1959 Deixei o leito as 4 horas e fui carregar água. **Liguei o radio para ouvir o programa de tango.**

[...]O senhor Manoel disse que não vinha mais e apareceu. Ele penetrou na água para chegar até o meu barracão. Resfriou-se.

Hoje eu estou contente. Ganhei dinheiro. Contei até 300! Hoje eu vou comprar carne. Atualmente quando o pobre come carne fica rindo atoa (JESUS, 1960, p. 135).

17/01/1959 **Deixei o leito as 4 horas, quando ouvi o radio do visinho tocando. Comecei escrever. Liguei o radio para ouvir o amanhecer do tango.** Despertei pensando no cigano, que é pior do que o negro. Não aconselho ninguém a fazer amizade com eles.

Acendi o fogo, lavei as louças e fui carregar água (...) Encontrei com o senhor Adelino, perguntei pelo cigano (JESUS, 1960, p. 138).

05/06/1959[...]Quando cheguei em casa fiz sopa de aveia. A Vera chorou. Não queria comer aveia. Dizia:

-Eu não gosto.

Dei-lhe uma surra e ela comeu.

-Fomos deitar. As 10 da noite começou o espetáculo na favela. Aparecida, a nova vizinha bebeu muito e começou a brigar com a Leila. Os homens da Leila queriam invadir o barracão dela. Ela foi chamar a cavalaria. O Adalberto levantou-se para socorrer a Leila. Começou falar. Quando ouviram o tropel da cavalaria silenciaram.

O Euclides, o negro preto que mora com a Aparecida é horrível quando bebe. Fala por cem.

-Eu dou um tiro. Eu mato!

Quando ele parou de falar era 3 horas da manhã. O visinho ligou o radio. Eu não dormi com o sururu da favela. Até as crianças despertaram. Ouvi no radio o desastre da Central. (JESUS, 1960, p. 148, grifo nosso).

Até o fim do diário de Carolina ela relatou a rotina que vivia catando papel na cidade e as diferenças que sentia enquanto caminhava pelas ruas catando papel e também relatou até o fim todos sentimentos que construiu morando na favela do Canindé. É importante destacar que apesar da miséria e escassez que os moradores da favela enfrentavam por conta dos preconceitos da sociedade nas décadas de 1950 e 1960 aquele território também era uma resistência na cidade onde aconteciam muitas trocas culturais e construções de senso de comunidade também o que é um grande definidor para o Brasil.

A escrita de Carolina Maria de Jesus era constituída pela dor, fome, a precarização da vida, a mudança, a transformação, seus filhos, esses elementos davam forma as suas frases e pensamentos. O corpo da autora para além do seu barraco é a sua morada, é o corpo de Carolina que caminha pelas ruas, é o corpo dela que é anunciado nos estabelecimentos e rejeitado pelos corpos brancos, é o corpo da autora que sente dor, sente fome, cansa transpira e também escreve.

30/07/1959 [...] Escrevi até tarde, porque estou sem sono. Quando deitei adormeci logo e sonhei que estava noutra casa. E eu tinha tudo. Sacos de feijão. Eu olhava os sacos e sorria. Eu dizia para o João:

-Agora podemos dar um ponta-pé na miséria.

E gritei:

-Vai embora, miséria! A Vera despertou-se e perguntou:

- Quem é que a senhora está mandando ir-se embora? (JESUS, 1960, p. 163).

16/08/1959 [...] Passei a tarde escrevendo. Lavei todas as roupas. Hoje estou alegre. Tem festa no barraco de um nortista. E a favela está superlotada de nortistas. O Orlando Lopes está girando pela favela. Quer dinheiro. Ele cobra a luz no cambio negro. E tem pessoas aqui na favela que estão passando fome (JESUS, 1960, p. 167).

O diário termina com uma atividade do cotidiano assim como todas os outros dias que Carolina escreveu o que fez durante seu dia. Essa trajetória de anos registrada por essa mulher mostra um pouco de sua privacidade, um pouco de sua rotina e de seus filhos e das condições que tanto sua família como os outros moradores da favela vivenciavam. A bica d'água, os barulhos das brigas, a falta de comida, as brincadeiras dos filhos, as festas. Enfim, uma vida como muitas outras que tivemos a oportunidade de conhecer.

01/01/1960 “Levantei as 5 horas e fui carregar água” (JESUS, 1960, p. 160).

6 CONCLUSÃO

Percebe-se, após a análise dos trechos do diário de Carolina Maria de Jesus, fragmentos do cotidiano da autora dentro de seu barraco na favela do Canindé. Uma das motivações para essa análise é de dar visão para as rotinas diárias que temos no Brasil independente da classe social. Todos dormem, comem, tomam banho, se divertem. Após a leitura do diário, podemos perceber a importância da moradia de Carolina para que sua rotina e de seus filhos fosse possibilitada e que pudesse ter onde dormir visto que chegou até a favela após um despejo.

Nota-se, também, que a noção da privacidade é influenciada pela classe social e pelo tamanho da casa e ou terreno em que se vive. Podemos notar como a presença da vizinhança é inevitável quando se mora em um local com muitas pessoas como na favela do Canindé.

Os registros de Carolina que reverberam através da força e da dor de uma mulher brasileira e cria uma potência na língua portuguesa e no mundo social com a capacidade de transformação das palavras. O reconhecimento fez com que a obra fosse transcrita para muitas línguas e seu diário lido em muitos países, dessa forma, Carolina foi a voz de muitas e muitos brasileiros em situações semelhantes que a dela. Como citado por Marcos Antonio Gonçalves, o diário de Carolina é cheio de paradoxos que a sociedade brasileira não consegue suportar estes sendo eles o livro e o lixo, escritora e favelada, fama e dinheiro, preta e pobre (SOUSA, 2011).

A fama de Carolina passa por muitos lugares e adjetivos como mulher insubmissa, geniosa, transgressora tanto na sua vida pessoal e também enquanto escritora. Foram muitos os comentários e classificações a respeito de sua escrita muitos classificaram sua escrita como “subalterna” ou “subliteratura” (ANDRADE, 2008, p. 23). Sobre as experiências enquanto escritora Carolina Maria chegou a escrever após a publicação do seu livro um poema sobre a sua situação.

Ao publicar o quarto de despejo
 Concretizava assim o meu desejo
 Que vida. Que alegria
 [...] No início veio admiração
 O meu nome circulou a Nação
 Surgiu uma escritora favelada

[...] Eu era solicitada
Eu era bajulada
[...]Depois começaram a me invejar
[...]E assim eu fui desiludindo
O meu ideal foi regredindo
Igual a um corpo envelhecido
Fui enrugando, enrugando
pétalas de rosa murchando, murchando
E... estou morrendo!
[...] Não levo nenhuma ilusão
porque a escritora favelada
foi rosa despetalada (JESUS, 1996, p. 151-153).

Essa pesquisa partiu de uma motivação pessoal a respeito de moradia e pertencimento, enquanto pesquisava e escrevia sobre privacidade passava por muitas mudanças de endereço ocasionadas pela pandemia dessa forma não tive as bibliotecas com espaços amplos para pesquisar e produzir o tanto que gostaria.

Entendo que o tema da pesquisa é vasto e passa por diversos debates teóricos a respeito da construção de privacidade, portanto penso que existem muitos caminhos a se desdobrar a respeito dessa temática. Por fim, concluo um trabalho que pretendo continuar aprimorando, mas que me ensinou muito até aqui.

REFERENCIAS

- ALMEIDA, Júlia. Dossiê “Favela” ou como viver junto, por Carolina Maria de Jesus. **IPOTESI–Revista De Estudos Literários**, v. 21, n. 1, p. 91-100, 2017.
- ALMEIDA, Júlia. Narrativas de remoção: a diáspora negra entre memórias, deslocamentos e resistências. **Literatura e Sociedade**, v. 21, p. 90-100, 2015.
- ANDRADE, L. P. **O diário como utopia**: Quarto de despejo, de Carolina Maria de Jesus. Dissertação (Mestrado em Letras) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Três Lagoas, 2008.
- BARROS, José D’Assunção. O campo da história: especificidades e abordagens. Petrópolis, RJ: Vozes, 2004. *In*: Borges, Valdeci Rezende. (2010). História e Literatura: Algumas Considerações. Universidade Federal de Goiás. **Revista de Teoria da História**, ano. 1, n. 3, jun., 2010.
- BARBOSA, Jorge Luiz. Da habitação como direito ao ‘direito à morada’. *In*: SOUZA e SILVA, Jailson; BARBOSA, Jorge Luiz; FAUSTINI, Marcus Vinicius. **O novo carioca**. Rio de Janeiro: Morúbula Editorial, 2012a, p. 93-107.
- BARTHES, Roland. **Como Viver junto**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- BORGES, Valdeci Rezende. História e literatura: algumas considerações. **Revista de teoria da história**, v. 3, n. 1, p. 94-109, 2010.
- CANHA, Suely Lucena. **Crise habitacional na cidade de São Paulo**: reflexões a partir do “Quarto de Despejo”. 2016.
- CALVINO, Ítalo. **Por que ler os clássicos?** Ed. Companhia de Bolso, São Paulo, 2007.
- CHARTIER, Roger. História cultural: entre práticas e representações. Rio de Janeiro: Bertrand, 1996a. **Práticas da leitura**. São Paulo: Estação Liberdade, 1996b. Cultura escrita, literatura e história. Porto Alegre: Artmed, p. 1926-1987, 2001.
- CASA de Alvenaria: diário de uma ex-favelada. São Paulo: Livraria Francisco Alves/Editora Paulo de Azevedo Ltda., 1961.
- CHARBEL, Felipe. Dia Após Dia Após Dia Após Dia. **Revista Serrote**, [s.l.], 2020. Disponível em: <https://revistaserrote.com.br/2020/07/serrote-edicao-especial/>. Acesso em: 24 nov. 2020.
- CHALHOUB, Sidney. **Cidade febril: cortiços e epidemias na corte imperial**. Editora Companhia das Letras, 2018.
- CHALHOUB, Sidney; PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda. **A História contada**: capítulos de história social da literatura no Brasil. Editora Nova Fronteira, 1998.

- DALCASTAGNÈ, Regina. **Literatura brasileira contemporânea: um território contestado**. Horizonte, 2017.
- DA MATTA, Roberto. **A casa e a rua**. Rio de Janeiro: Ed. 1991.
- EDMUNDO, Luiz. **O Rio de Janeiro do meu tempo**. 1938.
- JESUS, Carolina Maria de. Favelas. *In*: JESUS, Carolina Maria de. **Onde estaes felicidade?** São Paulo: Me Parió Revolução, 2014. p. 39-74.
- JESUS, Carolina Maria de. **Quarto de despejo: diário de uma favelada**. Livraria F. Alves, 1960.
- JESUS, Carolina Maria de. **Meu estranho diário**. São Paulo: Editora Xamã, 1996.
- FAVELA do Canindé: Retrato da favela no diário de Carolina. **Revista Figas**, [s.l.], 8 jun. 2018. Disponível em: <http://www.editorafigas.com.br/revista/tag/favela-do-caninde/>. Acesso em: 24 nov. 2020.
- FERNANDEZ, R. A. **Percursos de uma poética de resíduos na obra de Carolina Maria de Jesus**. Itinerários, n. 27, p. 125-146, jul./dez. 2008.
- FERRARO, Alceu Ravanello. **Gênero e alfabetização no Brasil de 1940 a 2000: a história quantitativa da relação**. Didáticas Específicas, n. 1, p. 30-47, 2009.
- FRANGELLA, Simone Miziara *et al.* **Corpos urbanos errantes: uma etnografia da corporalidade de moradores de uma rua em São Paulo**. 2004.
- GARCEZ MARINS, Paulo César. Habitação e vizinhança: limites da privacidade no surgimento das metrópoles brasileiras. *In*: **República: da belle époque à era do rádio**. 1998. p. 131-214.
- GONÇALVES, Marco Antonio. Um mundo feito de papel, sofrimento e estetização da vida (os diários de Carolina Maria de Jesus). **Horizontes Antropológicos**, n. 42, p. 21-47, 2014.
- HAESBAERT, Rogério. **O mito da desterritorialização**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2014.
- HARVEY, David. O direito à cidade. **Lutas sociais**, n. 29, p. 73-89, 2012..
- KAPP, Silke. **Direito ao espaço cotidiano: moradia e autonomia no plano de uma metrópole**. Cadernos Metrópole, v. 14, n. 28, p. 463-483, 2012.
- KOWARICK, Lúcio; BONDUKI, Nabil. **Espaço urbano e espaço político: do populismo à redemocratização**. As lutas sociais e a cidade: São Paulo, passado e presente. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1988.

- LEGOFF, Jacques. Documento/monumento. *In*: LEGOFF, Jacques. **História e Memória**. Campinas: Editora da Unicamp, 1990, p. 462-484. Disponível em: <https://www.ufrb.edu.br/ppgcom/imagens/História-e-Memória.pdf>. Acesso em: 24 nov. 2020
- MATOS, Maria Izilda; SOLLER, Maria Ângela. **A cidade em debate**. São Paulo: Editora Olho D'água, 1999.
- MEIHY, José Carlos Sebe Bom. Carolina Maria de Jesus: emblema do silêncio. **Revista USP**, n. 37, p. 82-91, 1998.
- MORADORES da favela do Canindé que será extinta. **Folhapress**, São Paulo, 16 fev. 1961. Disponível em: <https://folhapress.folha.com.br/foto/808521>. Acesso em: 24 nov. 2020.
- NOVAIS, Fernando Antonio. **História da vida privada no Brasil**: República, da belle époque à era do rádio. Companhia das Letras, 1998.
- PASTERNAK, Suzana; D'OTTAVIANO, Camila. Favelas no Brasil e em São Paulo: avanços nas análises a partir da Leitura Territorial do Censo de 2010. **Cadernos Metrôpole**, v. 18, n. 35, p. 75-100, 2016.
- PERROT, Michele. Práticas da memória feminina. *In*: **As mulheres ou os silêncios da história**. Bauru, SP: EDUSC, 2005, p. 33-43.
- PERROT, Michelle. **Os excluídos da história: operários, mulheres e prisioneiros**. Editora Paz e Terra, 2017.
- PICCINI, Andrea. Cortiços: parâmetros físicos e de legislação. *In*: PICCINI, Andrea. **Cortiços na cidade**: conceito e preconceito na reestruturação do centro urbano de São Paulo. 2. ed. São Paulo, Annblume, 2004. p. 35-37.
- SANTOS, André Luiz et al. Do mar ao morro: a geografia histórica da pobreza urbana em Florianópolis. 2009
- SANTOS, Lara Gabriella Alves dos; BORGES, Valdeci Rezende. **Quarto De Despejo: O Espaço Na Obra De Carolina De Jesus**, 2004.
- SEVCENKO, Nicolau. **História da vida privada no Brasil**: república: da belle époque à era do rádio. [S.l: s.n.], 1999.
- SILVA, Adriana Carvalho. **O Rio de Janeiro em Dom Casmurro**: Literatura como representação do espaço. 2012. 160 f. Tese (Doutorado em Geografia) – Programa de Pós-Graduação em Geografia, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2012.
- SILVA, J. C. G. **História de vida, produção literária e trajetórias urbanas da escritora negra Carolina Maria de Jesus**. Trabalho apresentado na 26ª Reunião Brasileira de Antropologia, 2006, Porto Seguro, Bahia.
- SILVA, Rafael Guimarães Tavares da. "Des(p)ejo das palavras: relendo os primeiros diários de Carolina Maria de Jesus." **Revista Estudos Feministas**, n. 27, v. 2, 2019.

SOUSA, G. H. P. **Memória, autobiografia e diário íntimo. Carolina Maria de Jesus:** escrita íntima e narrativa da vida. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2011.

SPIVAK, Gayatri Chakravorty. **Pode o subalterno falar?**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014.

TOLEDO, Christiane Vieira Soares. **Carolina Maria de Jesus:** a escrita de si. *Letrônica*, v. 3, n. 1, p. 247-257, 2010.

VALLADARES, Licia do Prado. **A invenção da favela:** do mito de origem à favela.com. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2005.

VOGT, C. Trabalho, pobreza e trabalho intelectual. **Os pobres na literatura brasileira.** São Paulo: Brasiliense, 1983.

WOLFF, Janet. **A produção social da arte.** Rio de Janeiro: Zahar, 1981.